

Ministério

MAR-ABR - 2023

Uma revista para pastores e líderes de igreja



Exemplar avulso: R\$ 19,40



HORA DE DESPERTAR

Um chamado ao reavivamento
e à reforma

O universalismo e a relação entre amor e justiça nas Escrituras + A igreja e a Trindade em 1 Coríntios 12
Um convite à constante vigilância + A Bíblia em tempos de relativismo ético + O pastor e a saúde mental dos membros

Mãe

No dia das mães,
celebre com presentes da CPB

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria |  15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br

PREPARE-SE

de 10 de abril
a 12 de maio



10

10 **Ministério reavivado**
Cristian S. Gonzales
Ellen White e a mensagem
de reavivamento e reforma

14 **Lições da amendoeira**
Milton Andrade
Um convite à constante
vigilância

17 **A suficiência das Escrituras**
Elias Brasil de Souza
A Bíblia em tempos
de relativismo ético

20 **Atendimentos urgentes**
Pablo Canalis
O pastor e a saúde mental
dos membros

24 **Todos seremos salvos?**
Joel Iparraguirre e Christian Varela
O universalismo e a relação entre
amor e justiça nas Escrituras

28 **Organizada para servir**
Peterson Santos
A relação entre a igreja e a
Trindade em 1 Coríntios 12



20

- 5 Editorial
- 7 Entrelinhas
- 8 Entrevista
- 23 Ponto a ponto
- 34 Dicas de leitura
- 35 Palavra final



24

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 94 – Número 566 – Mar/Abr 2023
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa
Editor Associado Milton Andrade
Revisora Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber
Capa Adobe Stock

Ministério na Internet
www.ministeriopastoral.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
Twitter: @MinisterioBRA
Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial

Lucas Alves; Josué Espinoza; Adolfo Suarez; Marcos Blanco; Walter Steger; Pavel Goia; Jeffrey Brown; Abdoval Cavalcanti; Abimael Obando; Adrián Bentacor; Alberto Peña; Álvaro Cáceres; Antonio Funes; Carlos Sánchez; Davi França; Edilson Valiante; Edmundo Cevallos; Elieser Ramos; Everaldo Donato; Geraldo M. Tostes; Levino Oliveira; Rildes Nascimento; Rubén Montero

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral Edson Erthal de Medeiros
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Redator-Chefe Wellington Barbosa
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 94,50
Exemplar Avulso: R\$ 19,40



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, *sem prévia autorização por escrito* da editora.

Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla. A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.



Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.

Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos, educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.
- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

Extensão

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos de três páginas: até 12mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.

- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Nova Almeida Atualizada.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.

SENSO DE REFORMA

A expressão “reavivamento e reforma” tem sido um lema importante das iniciativas da Igreja Adventista nos últimos anos. Extraída dos textos de Ellen White, alguns têm limitado o tema aos hábitos devocionais, alimentares ou de modéstia cristã. No entanto, para a autora, tratava-se de um conceito mais amplo do que aparenta ser.

Dois citações se tornaram bastante conhecidas nesse contexto. A primeira, de 1887, diz: “Um reavivamento da verdadeira piedade entre nós, eis a maior e a mais urgente de todas as nossas necessidades” (*Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 121).

A segunda citação, publicada em 1902, apresenta o tema com mais detalhes: “Precisa haver um reavivamento e uma reforma, sob a ministração do Espírito Santo. Reavivamento e reforma são duas coisas diversas. Reavivamento significa renovação da vida espiritual, um avivamento das faculdades da mente e do coração, uma ressurreição da morte espiritual. Reforma significa uma reorganização, uma mudança nas ideias e teorias, hábitos e práticas. [...] Reavivamento e reforma devem efetuar a obra que lhes é designada, e no realizá-la precisam fundir-se” (ibid., p. 128).

Parece não haver dúvida sobre o que Ellen White entendia como reavivamento. Fica evidente que a autora esperava que os membros da igreja tivessem uma vida espiritual profunda e disciplinada. Mas, o que dizer do que significava reforma para ela? É certo que envolvia questões comportamentais, mas ia além. Algumas cartas que ela enviou para Arthur G. Daniells em 1901 ajudam a aprofundar a visão sobre isso.

Em 24 de junho, Ellen White escreveu: “Há muito a ser feito em nossas igrejas, tanto na linha de reavivamento quanto da reforma. Esse trabalho deve ser feito se houver progresso espiritual. [...] Deus repreende Seu povo por seus pecados, para que possa humilhá-lo e levá-lo a buscar Sua face. Então, à medida que ele se reforma e Seu amor é reavivado em seu coração, Suas graciosas respostas vêm aos seus pedidos. [...] Então, uma multidão que não é de nossa fé, vendo que Deus está com Seu povo, se unirá a ele” (Carta para Arthur G. Daniells, 24/6/1901).


Reavivamento e reforma que não levam a ter compromisso efetivo com a missão não passam de ilusão.

Dois dias depois, ela voltou ao tema em outra carta: “Que o reavivamento e a reforma façam mudanças constantes. [...] Deus não pede a Seus missionários que mostrem sua devoção a Ele confinando-se em mosteiros ou realizando longas e dolorosas peregrinações. Não é necessário fazer isso para mostrar a disposição de negar a si mesmo. É trabalhando por aqueles por quem Cristo morreu que mostramos amor verdadeiro” (Carta para Arthur G. Daniells, 28/6/1901).

Após duas semanas, Ellen White escreveu novamente: “Mudanças decididas devem ser feitas nos métodos e planos que são seguidos, para que a causa de Deus seja colocada em uma base mais elevada. Mas aqueles que por muitos anos no passado não sentiram o reavivamento e reforma do poder do Espírito Santo, não devem ser incumbidos de planejar e criar maneiras e métodos de levar a obra avante” (Carta para Arthur G. Daniells, 11/7/1901).

A sequência de cartas escritas em pouco tempo tratando do mesmo tema demonstra a importância que Ellen White atribuía ao assunto. Em seu conceito, reavivamento e reforma demandavam espiritualidade fervorosa, vida equilibrada, criatividade nos planos e métodos de trabalho e atividade missionária vibrante.

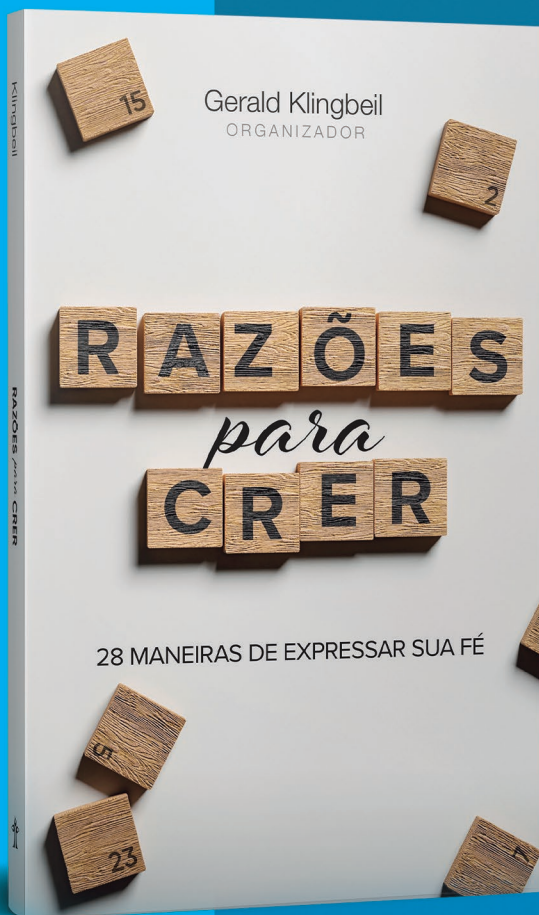
Em outras palavras, reavivamento e reforma que não levam a ter compromisso efetivo com a missão não passam de ilusão. Precisamos ir além das atitudes individuais que pouco transformam o modo de ser igreja. É tempo de experimentar o refrigério do Espírito para viver uma revolução missionária que nos permita ver a face de Cristo nesta geração. Estamos preparados para isso?

Mudanças na equipe editorial. Nesta edição nos despedimos do pastor Nerivan Silva, que seguirá seu trabalho na *Revista do Ancionato*, e damos as boas-vindas ao pastor Milton Andrade, novo editor associado da *Ministério*. 



WELLINGTON BARBOSA
editor da revista
Ministério

28 maneiras de expressar Sua Fé




As doutrinas
cristãs de uma
perspectiva
experimental.

MKT CPB | Adobe Stock

cpb.com.br • 0800-9790606

CPB livraria •  (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor  (15) 3205-8910
atendimentolivrarias@cpb.com.br



Baixe o
Aplicativo CPB



    /cpbeditora

ATENTOS NA COMUNHÃO

Vivemos nos momentos finais da história e Deus tem usado todos os meios para nos despertar e nos colocar em sintonia com Seus elevados propósitos. Na batalha contra o mal, a falta de preparo espiritual e uma fraca conexão com Cristo são um espaço aberto para a atuação do inimigo. Nesse grande conflito, precisamos estar em constante vigilância, como escreveu o apóstolo Pedro: “O fim de todas as coisas está próximo; portanto, sejam criteriosos e sóbrios” (1Pe 4:7).

A palavra criteriosos (em grego *sophroneo*) significa “ter uma mente sã, exercer domínio próprio, permanecer no posto” e o termo sóbrios (*nepho*) significa “vigiar, ser moderado”. Ambas as palavras enfatizam a necessidade de preparo e atenção, pois estamos em uma guerra espiritual sem trégua. Ellen White escreveu: “Os prazeres do mundo, as preocupações, perplexidades e tristezas da vida, as falhas dos outros, ou as próprias falhas e imperfeições – todas essas coisas são por ele [Satanás] utilizadas para desviar o pensamento do Salvador” (*Caminho a Cristo*, p. 71). Essa citação destaca sete aspectos que Satanás usa para debilitar nosso relacionamento com Deus:

1. *Os prazeres do mundo.* Como seres sensoriais, sentimos atração por aquilo que nos causa prazer. Embora muitos prazeres não sejam maus por natureza, corremos o risco de colocá-los em uma posição central em nossa vida, de modo que assumam o lugar de Deus (2Tm 3:4). Por meio dos prazeres, Satanás quer dominar nosso coração.

2. *Preocupações.* Educação, crescimento profissional e aquisição de bens são questões importantes e devem ser abordadas. No entanto, a armadilha do inimigo é nos sobrecarregar com a “síndrome da conquista”, ou seja, a busca incessante por coisas importantes, mas secundárias. Satanás se esforça para que nossas prioridades e nosso tempo sejam dedicados exclusivamente para nosso sucesso pessoal, não para o Reino de Deus.

3. *Perplexidades da vida.* Enquanto estivermos neste mundo incerto, a vida sempre nos surpreenderá.

Permaneça ao lado de Jesus. Essa é a melhor maneira de ficar atento contra as ciladas de Satanás.

Algumas dessas surpresas nos impactarão negativamente, perturbando nossas emoções e nos desviando do foco correto. O inimigo quer nos deixar inseguros e ansiosos, limitando nossa conexão com Deus.

4. *Tristezas da vida.* As perdas, as decepções e as injustiças são razões válidas para experimentarmos tristeza. O inimigo aproveitará essas vicissitudes para tentar nos submergir na desesperança, de modo que duvidemos do amor divino.

5. *As falhas dos outros.* Desde que existe pecado no mundo, a tendência de destacar as faltas dos outros e ocultar os próprios erros se manifestou no ser humano. Isso agrada ao inimigo. Dedicar tempo para olhar os erros dos outros trará amargura a nossa alma e nos transformará em juízes acusadores.

6. *Nossas próprias falhas.* Somos pecadores e é fato que erraremos. Mas a Bíblia garante que, se confessarmos nossos pecados, seremos perdoados por Deus (1Jo 1:9). Devemos meditar mais nisso. Ficar refletindo muito tempo em nossas próprias faltas nos levará ao desgosto.

7. *Nossas próprias imperfeições.* Devemos estar conscientes dos nossos defeitos e limitações, mas não devemos nos concentrar neles. Nosso foco deve ser Cristo e Seu perfeito caráter, e crer que Ele nos transformará à Sua própria imagem (2Co 3:18).

Como pastores, recordamos regularmente aos nossos membros a importância de estarem ligados a Cristo. Mas esse é um lembrete especial para nós, líderes espirituais. Durante este ano, permaneça ao lado de Jesus. Essa é a melhor maneira de ficar atento contra as ciladas de Satanás. **M**



JOSUÉ ESPINOZA

secretário ministerial
associado para a Igreja
Adventista na América do Sul

MINISTÉRIO ON-LINE



Em comemoração ao centenário da Associação Ministerial, a revista *Ministério* lançará em breve seu portal eletrônico a fim de auxiliar o desenvolvimento intelectual e espiritual de pastores e líderes de igreja que vivem no Brasil, nos demais países de fala portuguesa e nos países hispanos. O site contará com diversos recursos e ferramentas e, assim como o portal da *Revista Adventista*, permitirá a consulta de todos os periódicos lançados.

Nesta entrevista, **James Martins** fala a respeito das vantagens do portal e de sua utilidade para o ministério. James Mendes Miranda Martins é mestre em Ciências da Computação pelo Centro Universitário Campo Limpo Paulista. Tem 20 anos de experiência na área de sistemas. Atualmente trabalha como coordenador de desenvolvimento web/mobile do CPB Digital, na Casa Publicadora Brasileira. Casado com Tirza Martins, o casal tem dois filhos: Daniel e Tiago.

Além de favorecer a pesquisa e a leitura, o portal também é um incentivo para que mais pastores escrevam textos e enviem para a revista.

Qual é a importância do portal da revista *Ministério* para pastores e líderes?

Como a função do pastor exige o aprendizado contínuo, creio que o portal será extremamente útil, pois permitirá uma pesquisa vasta e abrangente de temas relacionados ao cotidiano pastoral (teologia, aconselhamento, línguas bíblicas, missão, visitação, exegese, etc.), e será uma poderosa ferramenta nas mãos do ministro para a composição de novos sermões, artigos e trabalhos acadêmicos. Os pastores e demais líderes terão acesso fácil e rápido a uma variedade de temas pertinentes à igreja e ao ministério. Além de favorecer a pesquisa e a leitura, o portal também é um incentivo para que mais pastores escrevam textos e enviem para a revista.

Quais vantagens poderão ser encontradas na ferramenta de busca?

O recurso de busca contemplará a pesquisa rápida por palavras ou termos no conteúdo do texto e no título do artigo. Também possui a opção de busca pelo nome do autor. Isso facilitará muito a pesquisa. Além disso, o site contará com uma página que proporcionará a busca por artigos classificados por ano e bimestre de publicação. Tanto as revistas mais antigas quanto as mais recentes estarão disponibilizadas. Caso o pastor já conheça a capa da revista ou o título, poderá visualizá-lo na tela. Outro ponto importante é a possibilidade

de trocar de linguagem, possibilitando ao internauta a pesquisa de artigos existentes na edição em espanhol publicada pela ACES.

Haverá também recursos de mídia?

Sim. O site possui um menu específico destinado a *podcasts*, vídeos, seminários e outros tipos de recursos. À princípio, o portal contemplará essencialmente a divulgação das revistas já publicadas, promovendo a pesquisa dos textos. Posteriormente, quando houver a necessidade e a disponibilidade desses materiais, tais recursos serão divulgados nessa seção do portal.

Quais outras facilidades poderão ser encontradas no site?

Todas as edições da revista terão livre acesso e poderão ser baixadas em PDF. Creio que alguns pastores já divulgam em seus grupos de WhatsApp a revista em formato eletrônico. Todos poderão fazer o *download* e compartilhar, não importa a edição. O site também contemplará uma área de recursos para *download* de materiais adicionais para o estudo do pastor, anciãos e outros departamentos da igreja. A intenção é que o portal seja uma ferramenta de pesquisa e de aprofundamento do ministério pastoral. Com um artigo em formato PDF, por exemplo, o pastor terá mais facilidade em buscar determinados termos e assuntos, além de extrair citações para usá-las em sermões ou em algum trabalho acadêmico.

Como o pastor pode aprofundar seu ministério por meio desse portal?

Os diversos conteúdos, artigos e temas compõem um acervo maravilhoso de lições bíblicas que favorecem o enriquecimento espiritual e acadêmico do pastor. Lembro-me de uma citação de Ellen White que diz: “A educação deve continuar durante toda a vida do ministro. Um pastor nunca deve julgar que já aprendeu bastante, podendo agora afrouxar os esforços. Sua educação deve continuar por toda a vida, cada dia ele deve estar aprendendo e pondo em prática os conhecimentos adquiridos” (*Ministério Pastoral*, p. 45). A tecnologia está à disposição para facilitar o acesso à informação. Além disso, hoje em dia é muito mais fácil reunir um grupo de citações que tratam sobre o mesmo tema. Portanto, ninguém terá desculpas de dizer que não teve condições ou materiais à sua disposição. Da mesma forma, todos

Hoje em dia é muito mais fácil reunir um grupo de citações que tratam sobre o mesmo tema. Portanto, ninguém terá desculpas de dizer que não teve condições ou materiais à sua disposição.

poderão aprofundar seu relacionamento com Deus, que é o objetivo principal do portal da revista *Ministério*. Espero que essa meta seja alcançada e que a mensagem do evangelho seja propagada com mais poder.

Termino com estas palavras: “Alguns ministros poderiam ter feito dez vezes mais, se tivessem se esforçado para ser gigantes intelectuais. Os homens que hoje se acham perante o povo como representantes de Cristo têm, em geral, mais habilidade do que preparo, mas não põem em uso suas capacidades, aproveitando o melhor possível seu tempo e suas oportunidades. Quase todo pastor do campo, caso tivesse empregado as energias que Deus lhe deu, não somente poderia ser eficiente na leitura, na escrita e na gramática, mas até mesmo em línguas. É essencial colocar alto o seu alvo” (*Ministério Pastoral*, p. 46).

MINISTÉRIO REAVIVADO

Ellen White e a mensagem de reavivamento e reforma

Cristian S. Gonzales





Um dos maiores apelos recentes por reavivamento e reforma iniciado entre os adventistas do sétimo dia ocorreu na Assembleia da Associação Geral em 2010, por ocasião da eleição do pastor Ted Wilson como presidente mundial da igreja. Muitos adventistas ao redor do mundo se envolveram no projeto de Reavivamento e Reforma¹, criado com base na Bíblia e nos escritos de Ellen White, mas poucos sabem seu significado. Apesar dos esforços dos adventistas para ensinar essa grande verdade, ainda há muito o que aprender e fazer.

O pensamento de Ellen White sobre reavivamento e reforma começou em 1875 e teve uma ênfase especial em 1901. Durante seus anos de serviço ativo, houve 29 publicações a respeito dessa urgente necessidade. Para facilitar o estudo, o escopo dessas publicações será apresentado neste artigo da seguinte forma: (1) fundamento teológico; (2) experiência pessoal e familiar; e (3) liderança.

Fundamento teológico

Reavivamento e reforma expõem o problema mais sério do povo de Deus: sua apostasia. Essa realidade é recorrente em todos os tempos, mesmo para quem esteve próximo de Jesus: “Vocês estão Me procurando não porque viram sinais, mas porque comeram os pães e ficaram satisfeitos” (Jo 6:26). O mesmo equívoco é visto no jovem rico, que imaginou ser um exemplo de judeu, mas rejeitou a Cristo. Simão, o fariseu curado da lepra, não reconheceu Jesus “como representante de Deus. Enquanto Maria era uma pecadora perdoada, ele era um pecador não perdoado.”² Portanto, não basta conhecer Jesus, é preciso submeter-se a Ele e à Sua Palavra.

Ellen White explicou: “Reavivamento e reforma são duas coisas diferentes. Reavivamento significa renovação da vida espiritual, uma vivificação das faculdades do espírito e do coração, um ressurgimento da morte espiritual. Reforma significa reorganização, mudança de ideias e teorias, hábitos e práticas. A reforma não produzirá os bons frutos da justiça a menos que esteja ligada ao reavivamento do Espírito. Reavivamento e reforma devem fazer a obra que lhes é designada e, para realizarem essa obra, têm de estar unidos.”³

O pecado arruinou tudo, inclusive nosso relacionamento com Deus, ao criar um abismo de separação tão profundo e intransponível por meios humanos. Pecado “é ‘errar o alvo’ e ficar aquém das expectativas divinas. [...] Trata-se de uma vida de rebelião aberta e deliberada contra a vontade de Deus e Seus caminhos”.⁴ No entanto, com o sacrifício de Jesus na cruz do Calvário, o amor, a justiça e a salvação foram manifestos e oportunizados à humanidade (Rm 8:1-4; 6:9). “Cristo morreu para reivindicar a lei e exaltá-la diante de todas as nações, línguas e povos.”⁵ Como resposta, a maior decisão que o ser humano pode tomar é levar uma vida em harmonia com a lei divina, e isso só será possível com a ajuda de Deus. Em outras palavras, o Senhor nos convida a uma experiência de “reavivamento e reforma”.

Por meio de seus escritos, Ellen White advertiu que os adventistas também precisavam de reavivamento e reforma: “Agora, de maneira mais decidida do que nunca, você vê orgulho, ambição mundana, autoexaltação, fraude, hipocrisia, engano e a destituição do poder espiritual.”⁶ Se não houver mudança, os “mornos continuarão a se tornar cada vez mais odiosos para o Senhor, até que Ele Se recuse a reconhecê-los como Seus filhos”.⁷ Portanto, “um reavivamento e uma reforma devem ocorrer, sob a ministração do Espírito Santo”.⁸

Os grandes princípios da verdade devem ser estabelecidos no coração e revelados na vida pelo amor, fé, humildade e obediência.

Ellen White acrescentou que a admoestação à igreja de Éfeso “você deixou o seu primeiro amor” (Ap 2:4) é aplicável às “igrejas em sua condição atual. [...] O eu, eu, eu é acariciado e está se esforçando para a supremacia. Quanto tempo isso continuará sendo como tem sido? A menos que haja uma reconversão, haverá tal falta de piedade que a igreja será representada pela figueira estéril. Grande luz foi dada à igreja. Foi-lhe dada abundante oportunidade de produzir muito fruto. Mas o egoísmo entrou; e Deus diz: ‘Se não te arrependeres, irei rapidamente a ti e removerei o candelabro do seu lugar’”.⁹

Quando os seguidores de Deus se humilharem e recuperarem seu primeiro amor, “Ele os fortalecerá na ação reformadora, erguendo para eles um estandarte contra o inimigo. [...] Então uma multidão que não é de sua fé, vendo que Deus está com Seu povo, se unirá a ele para servir o Redentor”.¹⁰ Portanto, é necessário primeiro nascer de novo. Ellen White acrescentou: “Deus deve criar um coração puro no ser humano antes de ele andar em Seus estatutos e guardar Seus mandamentos para cumpri-los. [...] Um novo gosto moral deve ser criado antes que a pessoa goste de obedecer à lei de Deus. [...] O pecador precisa ter definido claramente em seu entendimento o que é o pecado. [...] Quando isso é totalmente compreendido por mentes

racionais, a semente é semeada para uma conversão verdadeira e completa. [...] Os grandes princípios da verdade devem ser estabelecidos no coração e revelados na vida pelo amor, fé, humildade e obediência, mostrando que a religião de Cristo tem poder controlador sobre todos os homens”.¹¹

Experiência pessoal e no lar

A experiência pessoal mais importante é a conversão. É por isso que, quando uma pessoa escolhe a Cristo e renuncia ao mundo, é a hora mais difícil da batalha. Quando isso acontece, “a bandeira escura de Satanás será deixada e [os crentes] serão colocados sob a bandeira ensanguentada do Príncipe Emanuel. Então começa na alma um grande reavivamento moral, um reavivamento demonstrado por uma reforma de pensamentos, palavras e ações. [...] Acontece uma revolução espiritual; uma pessoa é salva da morte; e há grande alegria no Céu”.¹²

Ellen White advertiu que não basta ter uma fé nominal. Os seguidores de Cristo devem permitir que o Espírito Santo transforme cada aspecto da vida. Ela questionou os professores adventistas: “Ele é o seu Redentor pessoal? Você tem interesse pessoal Nele? Sua alma tem fome e sede de salvação? Você anseia por um melhor conhecimento de Jesus Cristo? [...] Se não estiverem imbuídos do Espírito de Deus, interesses sagrados e eternos terão pouco peso em sua mente”.¹³

De acordo com a autora, reavivamento e reforma devem começar em casa. Da obediência à Bíblia, o grande livro de lições de Deus, dependem a vida e a felicidade, a saúde e a alegria de homens, mulheres e crianças (Dt 6:3-9). Se a lei de Deus tivesse sido ensinada em casa, especialmente nos primeiros anos das crianças, “quão diferente o mundo seria hoje! Veríamos a temperança, a indústria e a economia. O mal seria evitado. A virtude seria apreciada”.¹⁴ Ellen White exortou os pais para que não roubassem “a Deus nos talentos que lhe foram confiados”.¹⁵

Ellen White afirmou ainda: “Deus chama a uma purificação completa dos lares e das instituições. [...] Não só a um reavivamento, mas a uma reforma. [...] Os preconceitos estranhos que deram maus frutos serão superados e desaparecerão. Entrará um espírito de franqueza, um espírito segundo a semelhança de Cristo. [...] Os seguidores de Deus abandonarão o desejo obstinado de fazer as coisas do seu jeito e de impor suas próprias ideias, pois perceberão que estão na presença do Filho de Deus”.¹⁶ Ela rogou ainda “aos pais em nossas igrejas para fazerem uma aliança solene com Deus mediante o arrependimento e a confissão”.¹⁷ Certamente, hoje é o dia de buscarmos esse reavivamento e reforma em nosso lar. Precisamos repetir as mesmas palavras de Josué: “Eu e a minha casa serviremos ao Senhor” (Js 24:15).

Liderança

A mornidão espiritual é o maior problema da igreja, inclusive de seus líderes (Ap 3:15, 16). Deus “clama por um reavivamento, uma reforma. A menos que isso aconteça, aqueles que são fracos e sem vida continuarão a odiar cada vez mais o Senhor, até que Ele os vomite. [...] Quantos existem que estão tentando carregar uma carga de maldade não confessada? [...] O fardo do mal não confessado é o fardo mais pesado que pode ser suportado. Jesus, o grande carregador, pede que você transfira seu fardo para Ele”.¹⁸

Ellen White acrescentou: “Quando a igreja se voltar completamente para o Senhor, orações sem vida e sem espírito não serão mais ouvidas”.¹⁹ A oração deveria ser “lutar com Deus” assim como Jacó lutou com o Anjo (Gn 32:26). Da mesma forma, nos encontros de oração e testemunho que contribuem para aliviar os fardos e preocupações, “ocorrerá o espírito de reforma, reavivamento e despertar genuínos”.²⁰ Assim, as súplicas a Deus serão ouvidas (ver Hc 3:2; At 3:19).

Deus adverte por meio dos escritos proféticos que “os professores seguidores

de Cristo não têm tempo para permanecer no terreno da neutralidade. Há mais esperança de um inimigo aberto do que de um neutro”.²¹ Por exemplo, no caso de Judas, ele teria sido uma bênção, mas era um homem egoísta, crítico e questionador. Judas pode ser descrito como uma fraude religiosa, porque “manteve um alto padrão para os outros, mas ele próprio falhou em cumprir o padrão da Bíblia. Ele não trouxe a religião de Cristo para sua vida”.²²

Assim, Ellen White advertiu que há muitos líderes traindo seu Senhor como Judas, pois seguem práticas desonestas. Estão dispostos a sacrificar a Cristo por ganho egoísta. Portanto, o conselho bíblico é: “Sujeitem-se a Deus, mas resistam ao diabo, e ele fugirá de vocês. Cheguem perto de Deus, e Ele Se chegará a vocês. Limpem as mãos, pecadores! E vocês que são indecisos, purifiquem o coração” (Tg 4:7, 8).

A missão de pregar o evangelho (Mt 28:18-20) não foi cumprida plenamente porque “o egoísmo impede de receber estas palavras em seu sentido solene. [...] Em muitos corações parece haver apenas um sopro de vida espiritual. [...] [Assim], a guerra enérgica contra o mundo, a carne e o diabo não se manteve”.²³ Então, ela fez a seguinte pergunta: “Devemos, com um cristianismo agonizante, encorajar o espírito egoísta e ganancioso do mundo, compartilhando sua impiedade e sorrindo de sua falsidade? Não! Pela graça de Deus, sejamos firmes nos princípios da verdade”.²⁴

Chegou a hora de o povo de Deus fazer mudanças, a começar pela sua liderança. O chamado que Esdras fez ao povo em meio a uma grande apostasia é um bom exemplo para os líderes atuais. Esdras se humilhou diante de Deus e expôs pecados abertos (Ed 9:6-15). Então os israelitas reagiram com choro amargo (Ed 10:1), e a reforma ocorreu. Eles mandaram embora todas as mulheres e os filhos que não eram israelitas e disseram: “Que se faça segundo a Lei!” (Ed 10:3). Esdras era “um ensinador da lei; e ao dar atenção pessoal ao exame de cada caso, procurou impressionar o povo

com a santidade dessa lei e a bênção a ser alcançada pela obediência. Onde quer que Esdras atuasse, ali surgia um reavivamento no estudo das Santas Escrituras. Eram designados mestres para instruir o povo; a lei do Senhor era exaltada e honrada”.²⁵

O exemplo de Esdras deveria “ser uma lição prática para todos os que procurassem promover reformas. Os servos de Deus devem ser firmes como a rocha, sempre que estiverem envolvidos princípios corretos; mas, do mesmo modo, devem manifestar compaixão e paciência”.²⁶ Nesse contexto, Ellen White advertiu que “Satanás procura, mediante múltiplas formas, cegar homens e mulheres para as inadiáveis exigências da lei de Deus [...]. Há necessidade de verdadeiros reformadores, que indiquem aos transgressores o grande Doador da lei e lhes ensinem que ‘a lei do Senhor é perfeita e restaura a alma’ (Sl 19:7). Há necessidade de pessoas poderosas nas Escrituras; pessoas das quais cada palavra e cada ato exaltem os estatutos de Jeová”.²⁷

Assim, “Deus pede um reavivamento e uma reforma. As palavras da Bíblia, e da Bíblia somente, deviam ser ouvidas do púlpito. Mas a Bíblia tem sido roubada no seu poder, e o resultado é visto no rebaixamento do nível da vida espiritual. Em muitos sermões de hoje não existe uma divina manifestação que desperte a consciência e leve vida às pessoas. [...] Permitam que a Palavra de Deus fale ao coração de vocês. Deixem que os que têm ouvido falar apenas de tradição, teorias e máximas humanas ouçam a voz Daquele que pode renovar a alma para a vida eterna”.²⁸

Conclusão

O chamado de Ellen White para reavivamento e reforma não é um conceito novo para os profetas de Deus. Ao longo da história, os profetas exortaram o povo a obedecer à lei do Senhor (1Jo 2:3-6), que expressa a Sua vontade (Êx 20:3-17). Portanto, o chamado para reavivamento e reforma envolve o retorno a Deus e à Sua Palavra, o que inclui a

obediência à Sua santa lei. Em resposta, a plenitude do Espírito Santo virá para ajudar a igreja no cumprimento da missão. **M**

Referências

- ¹ O título original do documento é: “An Urgent Appeal For Revival, Reformation, Discipleship, And Evangelism”, disponível em <www.revivalandreformation.org/>, acesso em 20/12/2022.
- ² Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 451.
- ³ Ellen G. White, *Serviço Cristão* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), p. 35.
- ⁴ John M. Fowler, Pecado, em *Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia*, Raoul Dederen, ed. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011), p. 268.
- ⁵ Ellen G. White, “Self-Exaltation”, *Review and Herald*, 25/9/1900.
- ⁶ Ellen G. White, Carta 112, 1895.
- ⁷ Ellen G. White, “The Need of a Revival and a Reformation”, *Review and Herald*, 25/2/1902.
- ⁸ White, “The Need of a Revival and a Reformation”.
- ⁹ Ellen G. White, Carta 80, 1901.
- ¹⁰ White, “The Need of a Revival and a Reformation”.
- ¹¹ Ellen G. White, Carta 19a, 1875.
- ¹² Ellen G. White, Manuscrito 186, 1901.
- ¹³ Ellen G. White, Manuscrito 71, 1901.
- ¹⁴ Ellen G. White, Manuscrito 195, 1901.
- ¹⁵ Ellen G. White, Manuscrito 79, 1901.
- ¹⁶ Ellen G. White, “The Need of a Revival and a Reformation”.
- ¹⁷ White, Manuscrito 79, 1901.
- ¹⁸ Ellen G. White, Carta 40, 1901.
- ¹⁹ White, Carta 40, 1901.
- ²⁰ Ellen G. White, Carta 30, 1880.
- ²¹ White, Carta 112, 1895.
- ²² White, Carta 40, 1901.
- ²³ White, “The Need of a Revival and a Reformation”.
- ²⁴ White, “The Need of a Revival and a Reformation”.
- ²⁵ Ellen G. White, *Profetas e Reis* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 363.
- ²⁶ White, *Profetas e Reis*, p. 363.
- ²⁷ White, *Profetas e Reis*, p. 363.
- ²⁸ White, *Profetas e Reis*, p. 365.

CRISTIAN S. GONZALES

diretor do Centro de
Investigação Adventista da
Universidade Peruana União



LIÇÕES DA AMENDOEIRA

Um convite à constante vigilância

Milton Andrade

Uma palavra essencial na vida de um pastor é “vigilância”, que significa “prestar atenção, ficar acordado, estar alerta o tempo todo”. Trata-se de uma qualidade indispensável dos “arautos” de Deus – ministros que devem “tocar a trombeta e avisar o povo” diante da aproximação do inimigo (Ez 33:3). Dormir no posto do dever é falhar no cumprimento da missão. Aliás, é caso de vida ou morte (v. 4).

Jesus falou com frequência sobre a necessidade de vigilância. No Jardim do Getsêmani, o Guarda de Israel disse aos sonolentos discípulos: “Vigiem e orem, para que não caiam em tentação” (Mt 26:41). Esse foi o apelo do Servo Sofredor em Sua derradeira vigília antes de morrer. O fato de colocar ambas as palavras justapostas (vigiar/orar), indica a importância de permanecer alerta diante da provação. Em outras palavras, vigiar é tão necessário quanto orar (ver Lc 21:36). Ellen White escreveu: “Os mais altos ideais cristãos só podem ser alcançados mediante muita oração e permanente vigilância.”¹¹

Jesus destacou o dever da vigilância em pelo menos seis parábolas: do porteiro (Mc 13:34-37); do pai de família (v. 43, 44); dos dois servos (v. 45-51); das dez virgens (Mt 25:1-13); dos talentos (v. 14-30); e do grande julgamento (v. 31-46). Na parábola das dez virgens, por exemplo, a ênfase está no preparo. Embora todas as virgens tivessem dormido devido à tardança do Noivo,

cinco delas fizeram provisão de azeite, o que lhes garantiu a entrada para as bodas. Jesus, então, aconselhou: “Vigiem, porque vocês não sabem o dia nem a hora” (Mt 25:13).

Na parábola dos dois servos, Jesus contrastou o comportamento do servo bom que, na ausência do seu senhor, procurou cumprir tudo o que lhe havia sido ordenado, enquanto o servo mau viveu como se o senhor nunca fosse retornar. A ênfase nesse contexto está no serviço – ingrediente indispensável para ministros atentos. Portanto, é desta maneira que o Senhor quer encontrar Seus “vigias”: consagrados e atuantes. Ellen White comenta: “Os que vigiam, à espera da vinda do Senhor, não aguardam de forma ociosa. [...] Com a vigilante espera, combinam ativo serviço.”¹²

Vigilância e o santuário

Pelo menos dois itens do santuário mosaico remetiam à ideia de vigilância: o candelabro e o bordão de Arão. É interessante observar que ambos tinham como base elementos da natureza e, portanto, parecem fazer alusão ao Jardim do Éden – o primeiro santuário na Terra. Richard Davidson traça o seguinte paralelo: “Os termos luz maior e menor utilizados para descrever o Sol e a Lua em Gênesis 1:14-16 são mencionados em outras partes do Pentateuco somente para a luz da *menorah* no lugar santo do santuário (Êx 25:6; 35:14; 39:27). Em ambos os santuários [de Moisés e de Salomão], o

candelabro era uma árvore estilizada de amêndoa (Êx 25:31-40; 1Rs 7:49). Outros elementos edênicos aparecem esculpido na pia e nas paredes ao redor do templo: bois, leões, lírios e palmeiras. Essas representações artísticas da natureza parecem remeter ao Éden, o santuário original da Terra.”¹³

O candelabro ficava do lado oposto à mesa dos pães, possuía o formato de uma amendoeira e tinha como objetivo não apenas fornecer luz para o tabernáculo, mas também “simbolizar a árvore da vida”.¹⁴ Feito de sete lâmpadas, a *menorah* era de ouro puro, maciço, elaborada de uma só peça. As lâmpadas eram tratadas com espevitadores e deveriam ser limpas pelos sacerdotes todas as manhãs. A luz emitida deveria ser constante, como mencionou Ellen White: “Como o tabernáculo não tinha janelas, nunca ficavam apagadas todas as lâmpadas ao mesmo tempo, mas irradiavam



sua luz dia e noite.”⁵ A luz peremptória do candelabro simbolizava a constante vigilância do Guarda de Israel, Aquele que não dorme (Sl 121:4; Jo 8:12; Ap 22:5).

O fato de o candelabro ter aparência de amendoeira é digno de nota, pois, na língua hebraica, a palavra “amêndoa” (*shaqed*) tem a mesma raiz do termo “vigilante” (*shoqed* – verbo “vigiar”). Alguns lugares, inclusive, recebiam o nome das árvores que predominavam naqueles ambientes. O lugar que Jacó nomeou de Betel, por exemplo, antes se chamava Luz – nome com base numa rara palavra hebraica para designar amendoeira (*lûz*), mas de ocorrência comum no aramaico/siriaco (Gn 28:19).⁶ Além dessa nuance semântica, a botânica também lança luz sobre a questão. A amendoeira é a primeira árvore a despertar do “sono do inverno”. Após enfrentar um longo período de frio, a amendoeira é a primeira árvore a florescer, como se estivesse vigiando a chegada da primavera. Ela floresce na Palestina logo em janeiro e é considerada uma árvore “apressada”.

Ao chamar Jeremias para o ministério profético, Deus utilizou essa ilustração da natureza para fortalecer a fé do profeta inseguro: “A palavra do SENHOR veio a mim, dizendo: ‘O que você está vendo, Jeremias?’ Respondi: ‘Vejo um ramo de amendoeira.’ O SENHOR me disse: ‘Você viu bem, porque Eu estou vigiando para que a Minha palavra se cumpra’” (Jr 1:11, 12). É importante mencionar que Jeremias também era sacerdote, proveniente de Anatote, uma das quatro cidades atribuídas aos descendentes de Arão (ver Js 21:17, 18). Deus queria usá-lo para despertar Seu povo, afinal, “Judá estava agindo como se Deus estivesse dormindo e não soubesse acerca do seu pecado”.⁷ Esse mesmo chamado foi concedido a outro líder de Israel muitos séculos antes e está relacionado ao segundo item do santuário: o bordão de Arão.

O bordão de Arão

Assim como o maná (Êx 16), esse objeto da arca da aliança também foi concedido

por Deus em um contexto de murmuração do povo de Israel. Ele foi dado para confirmar o ministério sacerdotal e ressaltar a vigilância dos servos de Deus. Em Números 16, Moisés descreveu a rebelião provocada por um descendente de Levi, chamado Corá, e seus comparsas Datã e Abirão (que eram da tribo de Rúben). Embora Corá fosse levita e já realizasse funções no santuário, ele queria mais: assumir a posição de liderança de Moisés e o sacerdócio de Arão. Motivados por orgulho e inveja, Corá e sua equipe tramaram uma conspiração muito bem fundamentada contra os líderes constituídos por Deus, uma contenda que tinha o “mesmo espírito que determinou a rebelião de Satanás no Céu”.⁸

Em resposta à dissidência declarada, Moisés propôs um teste: “Ponham brasas nos incensários amanhã, coloquem incenso sobre as brasas diante do Senhor. O homem a quem o Senhor escolher, este será o santo” (Nm 16:5, 7). No dia seguinte, desceu fogo da parte do Senhor e consumiu os 250 homens que ofereciam incenso estranho. Além disso, a terra engoliu todos os partidários de Corá e uma praga matou 14,7 mil murmuradores de Israel. O estrago só não foi maior devido à intercessão de Arão, que fez com que a praga cessasse.

A fim de confirmar o sacerdócio arônico diante do povo, doze bordões foram trazidos à tenda da congregação – um para cada tribo de Israel. O bordão que florescesse indicaria a escolha divina. A Bíblia diz: “No dia seguinte, Moisés entrou na tenda do testemunho, e eis que o bordão de Arão, pela casa de Levi, havia brotado, e, tendo feito sair brotos, havia produzido flores e dava amêndoas” (Nm 17:8). O fato de o bordão de Arão florescer indicava não somente a escolha divina, mas apontava para a necessidade de vigilância do pastor de Israel.

Ao longo das Escrituras, essa qualidade dos servos de Deus é ressaltada: “Fiquem alertas, permaneçam firmes na fé” (1Co 16:13); “Já é hora de despertarem do sono, porque a nossa salvação está agora

mais perto do que quando no princípio cremos” (Rm 13:11); “Se você não vigiar, virei como ladrão” (Ap 3:3). Esse último texto é significativo, pois foi direcionado primeiramente à igreja de Sardes, cuja cidade ficava em cima de um monte de difícil acesso. O fato de ser uma fortaleza quase inexpugnável fez com que seus moradores desdenhassem da necessidade de vigilância. Assim, a cidade foi invadida por Ciro (549 a.C.) e depois por Antíoco III (218 a.C.). Nessas duas ocasiões, quando os soldados inimigos escalaram o precipício à noite, descobriram que não havia nenhum guarda vigiando a cidade. Essa mensagem também se aplica a nós atualmente.⁹ Mas, em quais aspectos um pastor deve vigiar? Veremos, a seguir, três pontos fundamentais.

Pecados sexuais

O pastor Davi cometeu adultério com Bate-Seba por falta de vigilância (ver 2Sm 11:1-5). No tempo em que os reis costumavam sair para a guerra, ele permaneceu ocioso em uma tarde palaciana e deu asas ao prazer ilícito. Assim como as virgens néscias, o rei de Israel dormiu demais e acordou “sem azeite reserva”. Ficou onde não deveria ficar, olhou onde não deveria olhar e cobiçou o que não deveria cobiçar. Lugar errado, hora errada, pessoa errada, ato errado. O “atalaia” de Israel baixou a guarda espiritual e passou do ponto no “terraço”.

Cuidado com a visão do terraço! Cuidado com as férias, as folgas, os horários livres, os momentos a sós na internet, os aconselhamentos em lugares inapropriados, os dias de paz e tranquilidade após uma semana de oração ou um dia de intensa atividade. Cuidado com o sucesso e os aplausos! O frescor do terraço poderá levá-lo aos lençóis do pecado. Graig Groeschel escreveu: “Esteja sempre atento. [...] A tentação tem um jeito peculiar de encontrar as pessoas que estão nos lugares errados. Por isso, a melhor defesa contra ela é evitar todo tipo de situação que ofereça algum risco.”¹⁰

O apóstolo Pedro escreveu: “Sejam sóbrios e vigilantes. O inimigo de vocês, o diabo, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar” (1Pe 5:8). É interessante observar que alguns animais, como cavalos, zebras e girafas, conseguem dormir em pé. Assim, eles estão sempre prontos para fugir de leões e outros predadores que costumam atacar durante a noite. Da mesma forma, um ministro do evangelho deve permanecer em constante vigilância contra os ardis de Satanás. É de olhos fechados – em constante oração – que um pastor se mantém desperto contra os ataques do inimigo (Ef 6:18).

Um dado estarrecedor chama nossa atenção e deveria nos levar à vigilância mais intensa. De acordo com Mike Genung 64% dos homens cristãos e 15% das mulheres cristãs veem pornografia pelo menos uma vez por mês (em comparação com 65% dos homens não cristãos e 30% das mulheres não cristãs), 33% dos clérigos dizem que já visitaram algum site de sexo explícito e 21% dos pastores de jovens e 14% dos pastores admitem que atualmente lutam contra a pornografia.¹¹ Certamente, as maiores tragédias do ministério pastoral advêm dessa prática nefasta. Então, aumente sua vigilância contra esse inimigo mordaz. Fuja do terraço!

Dinheiro

Outro motivo de vigilância está relacionado ao uso do dinheiro. A falta de equilíbrio financeiro, a ostentação, o acúmulo de dívidas e as negociações ilícitas têm destruído o ministério de alguns pastores. Ellen White exortou: “Os que não conseguem administrar suas próprias finanças não são aptos para o ministério. [...] Ele [o pastor] não deve se envolver em especulações, ou em qualquer outro negócio que o desvie de sua grande obra. ‘Nenhum soldado’, escreveu Paulo, ‘se deixa envolver pelos negócios da vida civil, já que deseja agradar aquele que o alistou’ (2Tm 2:4). Assim o apóstolo deu ênfase à necessidade de o pastor se consagrar sem reservas ao serviço do Mestre.”¹²

A vigilância financeira envolve fidelidade estrita ao que pertence ao Senhor, equilíbrio nas despesas, contentamento com aquilo que tem (Fp 4:12) e sabedoria ao lidar com os gastos pessoais. Como você tem se relacionado com essas questões? Lembre-se de que as algemas de ouro são muito piores que algemas de ferro. O fascínio das riquezas é um espinho que sufoca a Palavra, alimenta o egoísmo e destrói a alegria de servir. O sábio Salomão exortou: “Quem ama o dinheiro jamais dele se farta” (Ec 5:10 ARA). Se você corre insaciavelmente atrás de recursos financeiros, luxo e vaidades, é hora de rever suas prioridades – ou melhor, de rever onde está o seu amor (Mt 6:21).

Palavras

O último aspecto tem que ver com as palavras, não apenas as que proferimos verbalmente, mas as que publicamos nas redes sociais. Críticas, fofocas, ataques pessoais, exposição do erro dos outros e palavras de baixo calão não devem fazer parte do vocabulário de um pastor. Lembremos das palavras de Jesus: “Digo a vocês que, no Dia do Juízo, as pessoas darão conta de toda palavra inútil que proferirem; porque, pelas suas palavras, você será justificado e, pelas suas palavras, você será condenado” (Mt 12:36, 37). Deus concedeu o dom da palavra aos ministros para ser uma fonte de bênçãos, não de maldição. Em Sua vinda, Jesus questionará como esse talento foi utilizado (Mt 25:14-30).

Ellen White advertiu: “Cristo é negado de muitas maneiras. Podemos negá-Lo por falar em contrário da verdade, por falar mal dos outros, por conversas e gracejos tolos, ou por palavras ociosas. Nessas coisas manifestamos bem pouco tato ou sabedoria. Tornamo-nos fracos; são débeis nossos esforços para resistir a nosso grande inimigo, e somos vencidos. ‘Do que há em abundância no coração disso fala a boca’, e devido à falta de vigilância confessamos que Cristo não está em nós.”¹³

Conclusão

A amendoeira nos ensina a poderosa lição da vigilância. Como ministros de Deus, precisamos permanecer despertos, pois a primavera da redenção se aproxima. O apóstolo Paulo escreveu: “Porque vocês todos são filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite, nem das trevas. Assim, pois, não durmamos como os demais; pelo contrário, vigiemos e sejamos sóbrios” (1Ts 5:6, 7). Se você está falhando em algum aspecto, acorde! Não vale a pena trocar o ministério e o Céu por um minuto de “sono”. **TM**

Referências

- ¹ Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 195.
- ² Ellen G. White, *Maranata, o Senhor Logo Vem!* [MD 2021, 28 de janeiro] (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 34.
- ³ Richard Davidson, “Back to The Beginning: Genesis 1–3 and The Theological Center of Scripture”, p. 17. Disponível em <www.academia.edu/19770147/Back_to_the_Beginning_Genesis_1_3_and_The_Theological_Center_of_Scripture>, acesso em 28/12/2022.
- ⁴ Douglas K. Stuart, *The New American Commentary* (Nashville, TN: B&H Publishing Group, 2006), v. 2, p. 577.
- ⁵ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), p. 294.
- ⁶ Willem A. VanGemeren (ed.), *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento* (São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2011), p. 479-480.
- ⁷ Ross E. Price, C. Paul Gray, J. Kenneth Grider e Roy E. Swin, *Comentário Bíblico Beacon* (Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2005), p. 263.
- ⁸ White, *Patriarcas e Profetas*, p. 348.
- ⁹ Ranko Stefanovic, *Plain Revelation* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2013), p. 46.
- ¹⁰ Graig Groeschel, *Confissões de um Pastor* (São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2007), p. 47.
- ¹¹ Mike Genung, “The Road to Grace”. Disponível em <www.roadtoGrace.net/current-porn-statistics/>, acesso em 16 de janeiro de 2023.
- ¹² Ellen G. White, *Ministério Pastoral* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 66.
- ¹³ Ellen G. White, *Testemunhos Seletos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010), v. 1, p. 159.

MILTON ANDRADE

editor associado da revista *Ministério*



A SUFICIÊNCIA DAS ESCRITURAS

A Bíblia em tempos de relativismo ético

Elias Brasil de Souza

A pesar de a Bíblia ser composta por 66 livros que foram escritos por vários autores provenientes de culturas, épocas e lugares distintos, ela é uma obra unificada, que conta uma única história, abrangendo a criação, a queda, a redenção e a Nova Terra. As Escrituras também atestam sua origem divina.

Enquanto o apóstolo Paulo diz: “Toda a Escritura é inspirada por Deus” (2Tm 3:16), Pedro reconhece que os profetas bíblicos “falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2Pe 1:21). A grande importância desse livro está no fato de que ele registra com veracidade, mas sem exageros, a origem (Gn 1; 2) e o destino (Ap 21; 22) da raça humana no contexto do grande conflito.

Ellen White escreveu: “A Bíblia é a história mais antiga e abrangente que a humanidade possui. Veio diretamente da fonte da verdade eterna e, ao longo dos séculos, a mão divina tem preservado sua pureza.

muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, mas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e pelo qual também fez o Universo” (Hb 1:1, 2).

A Bíblia tem sua origem irrevogável no próprio Deus, o que a torna suficiente e clara. Sua suficiência vem do fato de que ela nos revela tudo de que precisamos saber para sermos salvos. O salmista Davi expressou isso de modo magistral:

“A lei do SENHOR é perfeita e restaura a alma; o testemunho do SENHOR é fiel e dá sabedoria aos simples.

para reviver a alma, dando-lhe sabedoria e trazendo-lhe alegria”.²

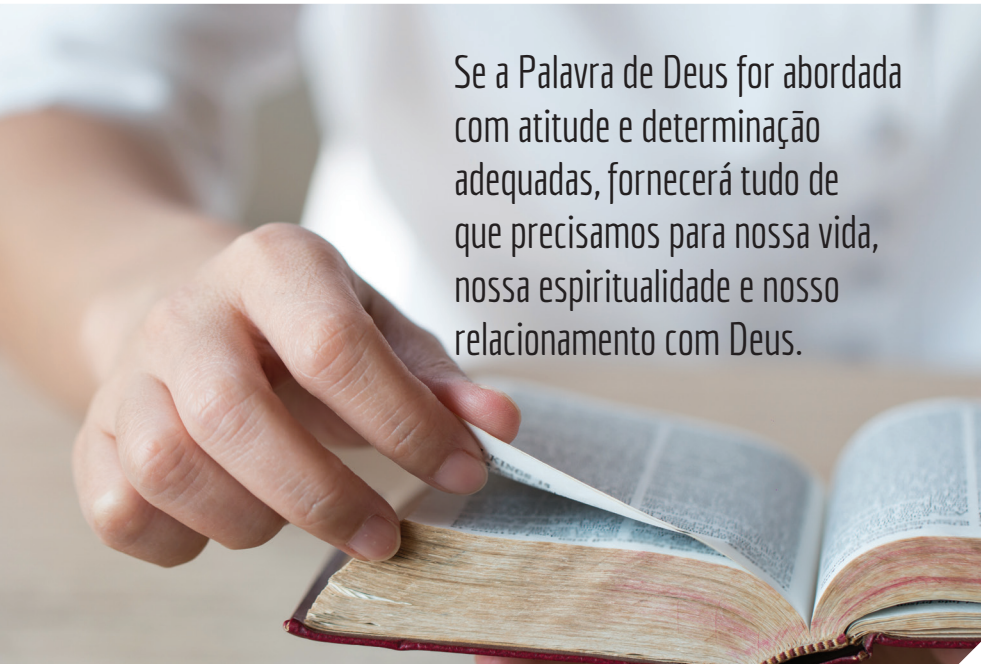
O fato de apresentar a verdade não significa que não existam textos difíceis na Bíblia. Afinal, Pedro disse que Paulo escreveu alguns textos complexos que estavam sendo distorcidos por algumas pessoas para sua própria destruição (2Pe 3:15, 16). Ellen White também afirmou que “algumas passagens das Escrituras nunca serão perfeitamente compreendidas até que, na vida futura, Cristo as explique. Há mistérios a ser esclarecidos, declarações que a mente humana não pode harmonizar”.³

No entanto, fica evidente que a Bíblia espera que sejamos capazes de compreender assuntos que tratam do nosso relacionamento com Deus, da nossa vida cristã e da esperança futura, pressupondo que haja clareza nesses temas. Por exemplo, Jesus queria que as pessoas O entendessem quando Ele lhes apresentava a Palavra de Deus (Mt 15:10; 12:3-5). No caminho para Emaús, Cristo repreendeu os desalentados discípulos: “Então Ele lhes disse: ‘Como vocês são insensatos e demoram para crer em tudo o que os profetas disseram!’” (Lc 24:25). Quando afirmou: “Bem-aventurado aquele que lê, e bem-aventurados aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo” (Ap 1:3), João presumiu que os leitores do livro do Apocalipse fossem capazes de compreender e aplicar a mensagem contida nele. Por conseguinte, “tudo de que precisamos para nossa vida e para a nossa espiritualidade está contido na Bíblia”.⁴

Pode-se, então, dizer que a Bíblia não endossa o ceticismo epistemológico dos tempos modernos, que a vê como um livro obscuro e irrelevante. Se a Palavra de Deus for abordada com atitude e determinação adequadas, fornecerá tudo de que precisamos para nossa vida, nossa espiritualidade e nosso relacionamento com Deus.

O propósito da Bíblia

Quatro pontos serão destacados nesta breve seção sobre o propósito da Bíblia.



Se a Palavra de Deus for abordada com atitude e determinação adequadas, fornecerá tudo de que precisamos para nossa vida, nossa espiritualidade e nosso relacionamento com Deus.

Ilumina o passado remoto, que a pesquisa humana em vão procura desvendar. Somente na Palavra de Deus contemplamos o poder que lançou os fundamentos da Terra e estendeu os céus. Unicamente ali encontramos um relato autêntico da origem das nações. Apenas ali se apresenta a história de nossa raça, não maculada por orgulho e preconceito humanos.”¹

As palavras escritas por Moisés, Isaías e Mateus são a Palavra de Deus. Isso significa que aquilo que está escrito na Bíblia são palavras do próprio Deus. O livro de Hebreus resume esse pensamento da seguinte maneira: “Antigamente, Deus falou,

“Os preceitos do SENHOR são retos e alegam o coração; o mandamento do SENHOR é puro e ilumina os olhos.

“O temor do SENHOR é límpido e permanece para sempre; os juízos do SENHOR são verdadeiros e todos igualmente, justos.

“São mais desejáveis do que ouro, mais do que muito ouro depurado; e são mais doces do que o mel e o destilar dos favos” (Sl 19:7-10).

O que Davi afirmou nesse texto sobre a Lei (Torá) se aplica a toda a Bíblia. Assim, de acordo com o salmista, a Palavra de Deus é perfeita, fiel, reta, pura, límpida, verdadeira e justa. Portanto, ela é “suficiente

Primeiro, de acordo com o *locus classicus* da inspiração bíblica, o propósito da Bíblia é nos tornar sábios “para a salvação pela fé em Cristo Jesus” (2Tm 3:15). Além disso, as Escrituras também alegam que a Palavra de Deus é “útil para o ensino, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o servo de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2Tm 3:16, 17). Embora a Bíblia tenha alguma influência política no que diz respeito à construção de uma sociedade melhor, seu principal objetivo é revelar o caráter de Jesus (Jo 14:6; cf. Jo 5:39).

Segundo, além de levar as pessoas a desenvolver um relacionamento salvífico com Cristo, a Bíblia nos comunica os ensinamentos divinos e fortalece nossa esperança no futuro. Paulo confirmou isso ao dizer: “Pois tudo o que no passado foi escrito, para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança” (Rm 15:4). Então, a mensagem escatológica da Bíblia, principalmente nos livros de Daniel e Apocalipse, mostra-nos que Deus está guiando a história do mundo para seu desfecho.

Terceiro, a Bíblia provê sustentação e direcionamento para o estilo de vida do cristão. Jesus confrontou Satanás alegando: “O ser humano não viverá só de pão, mas de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4:4, citando Dt 8:3). Assim como o pão de cada dia nos mantém vivos, do mesmo modo a Palavra de Deus sustenta nossa vida espiritual. Seguindo essa linha de pensamento, Pedro escreveu: “Como crianças recém-nascidas, desejem o genuíno leite espiritual” (1Pe 2:2). “Nesse contexto, o ‘genuíno leite espiritual’ provavelmente se refere à Palavra de Deus, sobre a qual Pedro vinha falando (ver 1Pe 1:23-25). Portanto, a Bíblia é necessária para a manutenção da vida espiritual e para o crescimento na vida cristã”.⁵ É importante notarmos que o estilo de vida cristão⁶ recomendado nas Escrituras centraliza o seu conteúdo doutrinário em Jesus. Assim, sem a doutrina cristã,

o modo de vida cristão não faz o menor sentido.⁷


Quarto, a Bíblia também tem um propósito missionário ao fornecer os fundamentos, as ferramentas e os objetivos para a missão. A revelação especial de Deus dada nas Escrituras forma a base bíblica da missão. Afinal, a Bíblia registra os atos missionários de Deus por meio do Seu povo (Gn 3:15; 12:1-3; Is 53:1-12; Mt 1:20, 21). Durante Seu ministério terrestre, Jesus incumbiu os discípulos de pregar que “o Reino de Deus está próximo” (Lc 10:9, NVI). Após a morte e a ressurreição de Cristo, a mensagem dos apóstolos ficou centralizada no perdão dos pecados.

Apesar de a mensagem do evangelho ter uma implicação social e cultural, ela tem como objetivo oferecer perdão e restauração, por meio daquilo que foi conquistado com a morte de Cristo na cruz. O próprio Jesus disse: “Assim está escrito que o Cristo tinha de sofrer, ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia, e que em Seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando em Jerusalém” (Lc 24:46, 47; cf. Jo 3:16). Podemos concluir que, de acordo com as Escrituras, a missão consiste em ir a todo o mundo, proclamando o evangelho de Jesus Cristo, no poder do Espírito Santo, a fim de persuadir as pessoas a se tornarem discípulas de Jesus, levando-as a se converterem em membros fiéis da igreja remanescente de Deus, para que possam adorar ao Senhor e guardar os Seus mandamentos, glorificando assim o Seu nome (Mt 28:18-20; Ap 14:6-12).

“Assim diz o Senhor”

Está claro que o atual clima social e cultural impõe um grande desafio à autoridade e interpretação da Bíblia. Infelizmente, como foi afirmado por uma acadêmica: “Os cristãos de hoje estão vivendo muito mais como uma extensão do mundo secular do que como uma luz para este mundo.”⁸ Para que sejamos capazes de confrontar a atual degradação da

autoridade bíblica, temos que ter uma visão elevada das Escrituras, com uma compreensão clara de sua natureza e propósito. Em consequência, nossos sermões se tornarão mais fortes e nossos membros estarão mais bem equipados para compreender e aplicar os ensinamentos bíblicos na vida cristã.

Devido a essa responsabilidade solene, o seguinte texto de Ellen White se torna a conclusão mais adequada para este artigo: “Deus terá na Terra um povo que se fundamentará na Bíblia, e apenas na Bíblia, como norma de todas as doutrinas e base de todas as reformas. Nem a opinião de sábios, nem as deduções da ciência, nem os credos ou decisões dos concílios eclesásticos, tão numerosos e discordantes como são as igrejas que representam, nem a voz da maioria, nada disso deve ser considerado como evidência a favor ou contra qualquer ponto de fé religiosa. Antes de aceitar qualquer doutrina ou preceito, devemos conferir se há um categórico ‘assim diz o Senhor’”⁹ 

Referências

- 1 Ellen G. White, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 123.
- 2 Kenneth Berding, *Bible Revival: Recommitting Ourselves to One Book* (Bellingham, WA: Lexham, 2013), p. 35.
- 3 Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 312.
- 4 Berding, *Bible Revival*, p. 32.
- 5 Wayne Grudem, *Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrine* (Grand Rapids, MI: Zondervan Academic, 2020), p. 141.
- 6 Ángel Manuel Rodríguez, *A Christian Lifestyle: Biblical Foundation and Praxis* (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2020).
- 7 J. Gresham Machen, *Christianity and Liberalism* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2009), p. 18.
- 8 Natasha Crain, *Faithfully Different: Regaining Biblical Clarity in a Secular Culture* (Eugene, OR: Harvest House, 2022), p. 17.
- 9 Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 495.

ELIAS BRASIL DE SOUZA

diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica da Igreja Adventista



ATENDIMENTOS URGENTES

O pastor e a saúde mental dos membros

Pablo Canalis



Na saída da igreja, dona Maria se aproximou do pastor João com um olhar intenso, mas perdido. Ignorando o fato de que ele estivesse conversando com outra pessoa, ela estendeu o braço, tocou-o de forma insistente no ombro esquerdo e disse: “Pastor, pastor! Preciso falar com o senhor”. Essa frase, tão comum na vida de um ministro, parecia revelar dessa vez uma angústia profunda. O pastor conhecia a vida daquela mulher e desconfiou que alguma coisa grave tivesse acontecido. Após terminar a conversa, o pastor foi à sala pastoral com a dona Maria. Ela estava muito agitada, falando frases desconexas. Ao sentar, parecia que em sua cadeira havia espinhos, pois Maria não conseguia ficar sossegada. De repente, ela olhou para o celular do pastor e disse em voz baixa: “Pastor, eles estão nos ouvindo! Eles querem saber o que a gente planeja. A perseguição já começou! O senhor sabia que eles conseguem ouvir o que a gente fala pelo celular? Deus me falou que não dá para conversar com o celular por perto. O senhor deveria estar ciente disso!”

O pastor não estava acostumado a ver a dona Maria daquele jeito. Após alguns minutos, ele perguntou se o marido dela estava por perto, a fim de oferecer algum tipo de ajuda. Infelizmente, Maria havia ido à igreja sozinha, sem falar com ninguém da família. O pastor, então, conseguiu o número de telefone do esposo dela com a secretária da igreja e ligou pra ele. A história ficou ainda mais interessante quando o senhor Pedro, esposo da Maria, relatou pelo telefone: “Faz alguns dias que ela não dorme, pastor. Ela anda muito preocupada, deixando todo mundo irritado aqui em casa. Ela fecha as janelas e quer ler a Bíblia o dia inteiro. Ela não me deixa nem sair para o trabalho. A única coisa boa dessa história é que nossos meninos estão de férias na casa da minha irmã. Assim, eles estão livres desse transtorno!”

Foi a primeira vez que dona Maria se comportou daquele jeito, o que deixou o pastor João muito preocupado. Não parecia só uma questão espiritual. Aquela atitude “paranoide” era completamente estranha. O pastor se lembrou de uma psicóloga que oferecia ajuda gratuita para alguns irmãos da igreja e ligou para ela, mas a ligação caiu na caixa postal. Provavelmente ela

estivesse em atendimento. Após fazer uma longa oração, Maria foi se acalmando. Momentos depois, o esposo dela finalmente chegou à igreja. Então, o pastor João lhe disse: “Senhor Pedro, eu sei que aqui na cidade não tem bons hospitais, mas ela precisa ser avaliada por um médico. Não me sinto tranquilo em deixá-la ir embora nessas condições.” Ele olhou para o pastor e, angustiado, disse: “Pastor, eles só dão remédio. Ela fica dopada um tempo e depois volta tudo. Não sei mais o que fazer. Por favor, ajude-me!”

Aconselhamento basta?

Essa realidade atinge muitos pastores. As doenças mentais estão sendo o mal do século e, muitas vezes, não há suporte especializado e de fácil acesso para solucionar problemas urgentes como o de Maria. Com certa regularidade, um pastor lida com pessoas que têm crises de ansiedade, com sintomas de falta de ar, sensação de aperto ou dor no peito (como se estivesse infartando), tremeadeira e aumento da pressão arterial, entre outros. Às vezes, são quadros depressivos, com sintomas de desânimo, falta de vontade e energia para fazer o básico, pensamentos negativos, dificuldade para dormir e se alimentar e, em alguns casos, pensamentos recorrentes de morte e suicídio.

Há também pessoas que procuram atendimento pastoral que apresentam quadro maníaco de bipolaridade, aceleração do pensamento, hipersexualidade, gastos excessivos e desnecessários, consumo de substâncias nocivas (bebidas alcoólicas, drogas ou tabaco), falta de sono, facilidade de se colocar em situações de risco, ou que vivem com uma constante sensação de euforia ou irritabilidade fora do normal. Há ainda aqueles que têm ideias e projetos mirabolantes, mas impraticáveis.

Observe que são muitas as doenças de saúde mental. De fato, o DSM5 – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Americana de Psiquiatria – tem mais de mil páginas. Poderíamos ficar conversando por um bom tempo sobre os desequilíbrios da mente humana. No entanto, a proposta deste artigo é apresentar um passo a passo que poderá ajudá-lo a aliviar o sofrimento das pessoas que batem à sua porta.

Como atender

Conhecimento contínuo. Ser pastor envolve lidar com questões mentais e espirituais. Nem todos os pastores têm interesse em assuntos que envolvem a mente humana, mas deveriam saber pelo menos o básico. Então, leituras sobre o assunto, cursos de conhecimento geral, ou até mesmo um melhor preparo acadêmico (faculdade de psicologia, pós-graduação ou algum curso de aconselhamento) são sugestões interessantes. Sugiro também a preparação de semanas especiais na igreja sobre saúde mental, com a participação de psicólogos e psiquiatras cristãos.

Rede de apoio. Dependendo da região em que você trabalha, é mais fácil ter um ou mais profissionais da área de saúde mental como membros de sua igreja. Faça uma rede de apoio com as características principais de cada profissional (nome, endereço, profissão, contato comercial e dias de atendimento). Conheça bem esses profissionais. Convide-os para momentos mais descontraídos. Caso não tenha nenhum médico ou psicólogo em sua igreja, lembre-se de que estamos em um mundo tecnológico e alguns profissionais atendem de maneira remota. Então, cerque-se de bons profissionais e atenda sua comunidade, mesmo que virtualmente.

Sistema de saúde. Você precisa ter uma noção adequada do funcionamento dos sistemas público e particular. Pergunte, pesquise, informe-se. Saiba qual é o estabelecimento mais próximo, quais são os horários de atendimento e quais tipos de doenças são tratadas. Às vezes, pelo fato de ser uma clínica, isso não significa que não haja serviço de emergência.

Escuta qualificada. Quanto mais atenção você prestar à fala do membro da igreja, melhor será o encaminhamento. Saiba o que está acontecendo com a pessoa, mas também escute a versão de familiares ou pessoas próximas. A prática de escrever os pontos principais do problema também ajuda muito. Acolhimento e

orientação adequada muitas vezes resolvem o problema.

Expectativa adequada. As pessoas com problemas mentais precisam de limites claros. Um deles é entender que o pastor não resolverá todos os problemas da vida delas. Ele está ali para aconselhar e guiar, não para fazer tudo por elas. Tendo a suspeita ou certeza do problema mental, a pessoa deverá ser encaminhada a um profissional de saúde. Espiritualizar tudo coloca o pastor em grande risco, especialmente em um contexto no qual qualquer abordagem ou fala pode gerar um processo judicial. Não devemos dar oportunidade ao inimigo de estragar nossa participação na Obra de Deus.

Protocolo seguro. Se tiver um membro em sua igreja que possua alguma dificuldade não urgente, dê acolhimento, orientação espiritual e encaminhe a pessoa ao psicólogo ou psiquiatra. Se tiver alguma emergência, dê acolhimento e acompanhe-o até o hospital ou Unidade de Pronto Atendimento (ou garanta que alguém o acompanhe). Passado o momento de emergência, encaminhe a pessoa para acompanhamento tanto psicológico quanto espiritual. Por isso é importante saber como funciona o sistema de saúde em sua região. Todos precisam ter acesso a esse protocolo e aos números de contato (secretária, anciãos, diáconos e demais líderes da igreja).

Perguntas oportunas. Não faz mal nem é sinônimo de ignorância perguntar a outras pessoas sobre uma situação que envolve saúde mental. Muitas vezes a experiência dos outros ajuda a poupar estresse desnecessário. As características das doenças mentais muitas vezes são parecidas, e corremos o risco de subestimar as queixas dos irmãos.

Se não se sentir preparado, peça a um ancião que faça o acolhimento da pessoa necessitada e esteja informado sobre os próximos passos adotados. Não faça mais do que encaminhar para alguém qualificado. Se os problemas dos outros afetam

muito você, delegue ou passe a questão para um profissional de saúde. Isso não é desprezar a necessidade do outro; é ser consciente das próprias limitações.

Voltando à história da irmã Maria, o esposo dela não quis levá-la ao hospital. Felizmente, o pastor João conhecia uma psicóloga que atendeu a dona Maria por um valor acessível. Em seguida, conseguiram um acompanhamento no Centro de Atendimento Psicossocial, e Maria foi medicada adequadamente. Atualmente, ela reluta em tomar medicamentos. Assim, de vez em quando, o pastor João costuma recebê-la em crise na igreja, tendo que encaminhá-la novamente para o tratamento adequado.

Os nomes dessa história são fictícios, mas é parte do meu dia a dia como médico enfrentar realidades semelhantes em meu local de trabalho. Eu trouxe esse exemplo como um guia prático a fim de ajudá-lo em sua atividade pastoral. Talvez você tenha passado por algo parecido em seu ministério. A verdade é que ainda lutamos para aceitar que as doenças mentais são uma realidade. O preconceito é enorme em muitos lugares. Falta-nos uma reflexão profunda sobre o tema. Existem pessoas sofrendo e precisamos manter a mente aberta e atualizada, a fim de auxiliá-las em suas debilidades.

Estamos nos momentos finais da história do mundo. O ser humano está cada vez mais frágil, doente e deteriorado pelo pecado. Devemos nos posicionar de maneira certa para a honra e glória de Deus, e também para diminuir o sofrimento do próximo. Vivamos para que mais pessoas queiram estar aos pés do Salvador – com a mente restaurada. **M**

PABLO CANALIS

médico especialista em
Psiquiatria, pós-graduado
em Medicina da Família e
Comunidade



IGREJA VIVA

O que torna uma igreja desejável? É o novo carpete, a localização perfeita, ou os encontros de junta-panels? As pessoas estão buscando algo significativo. Elas nem sempre sabem como articular sua busca, mas estão tentando fazer parte de algo que realmente valha a pena. Algumas vezes, eu trouxe “pessoas de fora” para avaliar determinadas igrejas. Normalmente, a liderança da igreja tinha uma classificação mais elevada da sua comunidade espiritual do que os “visitantes”. Qual é a avaliação da sua igreja? Ela é bem considerada?

Quando uma pessoa vai à igreja, o que você acha que ela está procurando? Se você respondeu “Deus”, acertou. Quando um indivíduo entra em uma igreja, ele sabe em poucos minutos se Deus está ou não presente ali.

Qual é o foco da sua comunidade de fé? É egocêntrico ou está voltado para o amor ao próximo? Como sua congregação reage a novos rostos? Será que eles são notados? Você já pensou em convidar um amigo para ir à sua igreja e avaliá-la? O que ele diria sobre o foco e a mentalidade de sua congregação?

Com que frequência as pessoas se levantam em sua igreja e usam uma linguagem que desconcerta os visitantes? O que as pessoas ouvem quando você fala? Tome cuidado, pois o vocabulário “igrejeiro” pode significar algo diferente além das paredes denominacionais e confundir os convidados.

Um dia decidi levar um amigo à igreja comigo. Escolhemos uma que eu nunca mais havia visitado. Durante o culto,

ele me fez várias perguntas: “O que significa recolta?” “Por que eu iria querer cair na ‘Rocha?’” “Como o sangue de um cordeiro me purifica?” Ele nunca tinha ido a uma igreja, e pude perceber claramente que minha congregação estava desconectada dos visitantes.

1

Congregação acolhedora

Certo dia, eu estava conversando com uma estudante de Teologia a respeito de suas experiências com a igreja. Seus pais não conheciam a denominação e sua aparência não era a de uma típica seminarista. Ela descreveu como os outros a julgaram silenciosamente quando entrou pela primeira vez na igreja. Assim que descobriram o que estava estudando e qual era seu sobrenome, o comportamento das pessoas mudou, e agora ela recebe convites frequentes para o almoço. Como tratamos as pessoas que se parecem diferentes de nós? Quão intencional você é sobre alcançar todas as idades, etnias e estilos de vida?

2

Comunidade harmoniosa

Harmonia não significa que todos concordam com tudo. Em vez disso, é sobre o “clima” de sua igreja. Quando alguém entra em seu prédio, há tensão no ar ou é um lugar saudável e seguro para se estar? Como sua igreja lida com os problemas? As perguntas e respostas são feitas e dadas com atitude defensiva ou amorosa? Uma igreja

saudável não está livre de problemas; ao contrário, ela sabe como lidar com eles.

Certa vez, um homem me procurou dizendo que ele e sua família queriam se juntar à minha igreja porque se sentiram “amados” e “seguros” em nossa comunidade. Ele disse que estava muito feliz por finalmente encontrar uma igreja em que pudesse se comunicar com as pessoas em um nível honesto, sem ser condenado. A sua igreja também possui essa característica?

3

Igreja acessível

Quão próximo você está física e emocionalmente de sua comunidade? Com que frequência você, como líder, ouve as pessoas sem assumir uma natureza defensiva? Caminhar pela comunidade e ouvir as pessoas é importante para saber o que elas procuram. Sua igreja ora fervorosamente? Os membros de sua comunidade conhecem a vontade de Deus? Os restaurantes são classificados por estrelas nos itens apresentação, servidores, gosto, estética e localização. Por que nossa refeição espiritual deveria ser diferente? Quantas estrelas sua igreja tem? **TM**

JOSEPH KIDDER

professor de teologia pastoral e discipulado na Universidade Andrews, Estados Unidos



TODOS SEREMOS SALVOS?

O universalismo e a relação entre amor e justiça nas Escrituras

Joel Iparraguirre e Christian Varela



Nos últimos anos, ressurgiu uma crença cuja premissa fundamental afirma que Deus salvará *todos os seres humanos*, independentemente da condição em que se encontrem, mesmo que continuem a pecar e não tenham sido transformados pelo Espírito Santo. Essa abordagem é conhecida como universalismo (*apokatastasis*) ou restauracionismo.¹ Mas, afinal, todos seremos salvos? O que a Bíblia diz sobre isso? Com o objetivo de responder a essas perguntas, vamos rever quais são os argumentos bíblicos e teológicos do universalismo, além de apresentar sua hermenêutica e filosofia. Depois, analisaremos essa crença à luz das Escrituras.

Argumentos teológicos

Os universalistas utilizam vários conceitos bíblicos para validar a ideia de restauração universal. Por exemplo: Deus deseja salvar a todos (Gn 12:3; Ez 33:11; 1Tm 2:3; 2Pe 3:9);² Deus é amor e Sua graça é infinita (1Jo 4:8, 16; cf. Sl 103:8; 1Co 13:4-8); e a morte expiatória de Cristo pagou os pecados de todos (Jo 12:32; 1Co 15:22, 23; Hb 2:9; 1Jo 2:2). Portanto, todos os seres humanos serão aceitos e recebidos na Nova Jerusalém. Da mesma forma, o ser humano terá a oportunidade de aceitar a graça divina até mesmo depois da morte (1Pe 3:18-21; 4:6) ou depois do milênio.³ Os universalistas também declaram que as palavras de Pedro em Atos 3:21 comprovam a restauração final de toda a criação.⁴

Além disso, para os universalistas, a soberania de Deus é um aspecto fundamental no processo de reconciliação universal (Ef 1:11). Como um Deus amoroso, justo e onisciente, Ele não criou os seres humanos para castigá-los eternamente ou extingui-los. A Sua bondade exige a salvação de todos os seres racionais. Em Sua onisciência, o Senhor fará o impossível para salvar cada pecador (2Cr 20:6; Pv 19:21; Is 46:10; Mt 19:26). O caráter misericordioso de Deus seria incoerente se Ele não fosse capaz de salvar toda a Sua criação.

Por outro lado, eles pretendem defender o livre-arbítrio humano ao dizer que Deus não força a vontade de Suas criaturas, mas que elas mesmas são guiadas para que aceitem a misericórdia divina.⁵ Eles também não negam as consequências do pecado, a ira divina nem a existência de um castigo. No entanto, esse castigo tem como finalidade purificar e corrigir o pecador.⁶ A punição é real, mas temporária. O propósito da justiça divina para Sua criação não é punitivo, mas redentivo.⁷

Sobreposição de imagens de Blue Planet, Shuang Xie / Adobe Stock

Hermenêutica e filosofia do universalismo

Ilaria L. E. Ramelli demonstrou que esse ensinamento é resultado da influência de vários livros apócrifos como o Apocalipse de Pedro, os Oráculos Sibílinos, o Apocalipse de Elias, a Epístola dos Apóstolos, e a Vida de Adão e Eva. Ainda que essas fontes literárias não tenham abordado de forma direta o conceito da restauração universal, foram claros antecedentes para a crença de uma intercessão e conversão após a morte.⁸

Orígenes e Clemente, dois grandes mestres do cristianismo, foram os que impulsionaram e moldaram essa crença. Ramelli sublinhou que “a teoria da *apokatastasis*” se originou “no contexto de debates filosóficos sobre o livre-arbítrio, a teodiceia e o destino eterno das criaturas racionais”.⁹

Ao utilizar uma hermenêutica alegórica, Orígenes assinalou que “o que parecia indignante ou inapropriado devia ser interpretado espiritualmente”.¹⁰ Assim, os textos bíblicos referentes ao castigo, à ira divina e ao fogo eterno eram entendidos alegoricamente devido ao contexto apologético de seu tempo.¹¹

Orígenes e Clemente integraram a doutrina da restauração final com outros ensinamentos que deram coerência a toda sua exposição bíblica. Entre eles, encontramos a crença da imortalidade da alma,¹² a conversão pós-morte¹³ e o castigo pedagógico nesta vida e depois dela.¹⁴ Finalmente, eles apontaram que o amor divino venceria a infidelidade do pecador.¹⁵ Por isso, a punição era considerada um processo de purificação.¹⁶

Os pensadores universalistas atuais provavelmente rejeitariam a hermenêutica alegórica e a preexistência das almas; no entanto, é impossível negar que existam semelhanças no uso que fazem das Escrituras e nas pressuposições filosóficas e teológicas.

A Bíblia apoia a teoria universalista?

Estamos convencidos de que a Bíblia não apoia essa crença. De fato, acreditamos que muitos dos textos usados pelos

universalistas (por exemplo, Jo 1:29; Rm 5:18; 1Tm 4:10; 1Co 15:22; Hb 2:9; 1Jo 2:2, entre outros) realmente apontam para uma expiação universal, não para a ideia de que todos serão salvos.¹⁷ O contexto imediato e canônico torna impossível a perspectiva universalista sobre a salvação.

As Escrituras afirmam que a vida eterna está condicionada à justificação e santificação em Cristo durante nossa vida aqui na Terra (Jo 5:21; 15:1-5; Jd 21; 1Co 15:53; 1Jo 5:20; Ap 22:14). Isso sugere que nem todas as pessoas aceitarão a Cristo ou que nem todos serão santificados pelo Espírito em obediência à Sua vontade (At 5:32; Ef 1:3-14). Essa é uma das razões pelas quais a Bíblia destaca que Jesus deu Sua vida em resgate por muitos (Mc 10:45; 14:24 cf. Mt 20:28; Hb 9:28). Cada pessoa escolha qual será seu destino final (Dt 30:15-19; Mc 16:16; Jo 6:35; Ap 21:6; 22:17).

Ao propor a salvação de *todos* em Cristo, os universalistas rejeitam as ideias levantadas anteriormente e utilizam textos como Romanos 5:18. No entanto, uma leitura cuidadosa desse texto mostra justamente o contrário. Ao considerar o contexto (v. 12-21), notamos que o apóstolo Paulo contrastou duas ideias: 1) a condenação divina por causa do pecado de Adão e 2) a salvação que se obtém mediante Cristo.

O pecado afetou todos os seres humanos; por isso, a salvação é oferecida igualmente a todos. No entanto, alguns a aceitam e outros a rejeitam. Assim, nem todos se salvarão, mas somente *muitos*. No verso 15, Paulo declarou que “muitos morreram” e que abundou a graça em Cristo para “muitos”. Além disso, o apóstolo afirmou que “por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos” (v. 19).

Por outro lado, é importante reconhecer que o uso bíblico da palavra *todo(s)* alude à totalidade em sentido absoluto (Js 3:7; 1Sm 10:23; Sl 145:9; Mc 5:9, 12) ou a uma quantidade geral sem implicar plenitude (Dt 28:12; Is 52:10; Mc 1:5; Jo 3:26). Esse último uso é observado em certas ocasiões com fins retóricos. Por exemplo, Marcos 1:5 menciona

que as pessoas de “toda a região da Judeia e todos os moradores de Jerusalém” iam a João para serem batizadas “por ele no rio Jordão”. Francis Chan e Preston Sprinkle afirmam que a palavra “todos” descrita aqui “não significa cada uma das pessoas da Judeia – homens, mulheres e crianças. Pelo contrário, ‘todos’ simplesmente denota um grande número de pessoas”.¹⁸

Essa ideia encontra apoio em outros textos bíblicos. Por exemplo, em 1 Coríntios 15:22, Paulo afirmou que “em Cristo todos serão vivificados”, isto é, ressuscitados e glorificados. Não se fala aqui de toda a humanidade, mas apenas dos crentes, “dos que são de Cristo” (v. 23, NVI), os quais serão ressuscitados e transformados em Sua vinda (cf. 1Ts 4:13-17; 1Co 15:51, 52).

O que foi dito aqui implica que podemos perder a salvação? A resposta é “sim”. Jesus afirmou que podemos perder a salvação se pecarmos contra o Espírito Santo (Mt 12:32 cf. Mc 3:28, 29; Hb 6:4-6; 10:26-31). Além disso, em várias parábolas se evidencia o destino daqueles que aceitam o evangelho e dos que o rejeitam (Mt 7:13; 8:12; 22:13, 14; 24:51). Até mesmo o sermão escatológico de Jesus aponta para essa realidade (Mt 24:31, 40, 41; 25:12, 30, 41).

Os apóstolos ensinaram a mesma coisa. Paulo destacou que a salvação está condicionada à fé do crente e à sua santificação (Rm 5:9; 2Co 5:10; Gl 6:7-10; Ef 1:13, 14; 2:1-10). Em sua carta aos Filipenses, ele exortou os crentes a permanecer fiéis diante dos inimigos da cruz de Cristo, pois o “destino deles é a perdição” (Fp 3:19). Portanto, aqueles que não aceitam a provisão realizada por Deus (Rm 2:7, 8), simplesmente perderão a salvação (1Co 9:23-27; 2Co 6:1; 1Ts 3:5; Gl 1:6). Por sua vez, João assinalou que as promessas de imortalidade foram dadas aos vencedores (Ap 2:5, 7; 3:12, 21; 7:9, 14; 14:3-5; 15:2; 22:14). Em consequência, nem todos entrarão na cidade santa por causa de seus pecados (Ap 21:8, 27; 22:11).

Enquanto estivermos vivos, devemos tomar nossa decisão, já que a Bíblia ensina que depois da morte não haverá

possibilidade de experimentar a misericórdia e o perdão divino (Mt 25:46; Gl 6:7; 2Co 5:10; 6:1, 2; Hb 9:27). A parábola do rico e Lázaro ensina que depois da morte não há forma de reverter as decisões tomadas em vida (Lc 16:23-31). O juízo final de Deus é irreversível!

A justiça e o amor de Deus

Os universalistas se perguntam como Deus pode castigar alguém ou destruir para sempre uma pessoa se Ele é amor. Para responder a essa questão, devemos começar mencionando que a ira divina é compatível com a misericórdia para o pecador e o justo (Êx 20:5, 6; 33:6, 7; Dt 7:9, 10; Sl 103:8; Jo 3:15-18). A ira é uma intervenção justa e santa diante dos pecados cometidos pelos opressores do povo de Deus (Is 42:13; 59:17; Zc 1:14; Na 1:2; Sf 2:8).

A ira divina escatológica é o castigo que receberão aqueles que rejeitaram a salvação oferecida por Deus por intermédio de Cristo (Jo 3:36; 1Ts 1:9, 10; 2:8-12; Ap 14:9, 10). O elemento moral é importante para compreender as razões divinas da punição, que terminará com a destruição total.

Alguns universalistas também afirmam que Deus castigou as nações com fins redentivos e disciplinares (Sl 78:32-39; Lm 3:31-33). Embora os castigos divinos tivessem o propósito de restaurar, eles estavam dirigidos principalmente ao remanescente fiel (Is 10:20; 37:31; Ob 17).¹⁹ Contudo, devemos estar conscientes de que as advertências e castigos disciplinares muitas vezes não foram efetivos por causa da rebeldia do povo (Is 1:5; Ml 1:6, 12; 3:13, 14).

A destruição escatológica será no lago de fogo e enxofre. Essa é uma das expressões mais gráficas para descrever a justa retribuição de Deus a todos os infiéis e ímpios. Ela será executada após o milênio. A morte final ou segunda morte será a retribuição pela desobediência ao Criador; cada um morrerá por seus próprios pecados. Depois daquela morte não haverá mais vida para aqueles que forem condenados; ou seja, deixarão de existir eternamente.²⁰

Portanto, é importante ter em mente que esse fogo não é purificador. É verdade que, às vezes, a imagem do fogo é usada metaforicamente para descrever a purificação do caráter cristão, mas é mencionada no contexto das provas e aflições da vida (Ml 3:2; 1Co 3:13-15; 1Pe 1:7). Ao contrário, no contexto escatológico, o fogo é usado para descrever a destruição dos pecadores.

Conclusão

Hoje, muitos cristãos aceitam o universalismo em seu desejo de assinalar que todos – inclusive os ímpios – serão salvos; do contrário, Deus não seria um ser amoroso como testemunham as Escrituras. No entanto, essa concepção provém de uma inadequada compreensão da Bíblia, influenciada por fontes apócrifas e pressuposições teológicas e filosóficas que desvirtuam a doutrina bíblica da salvação.

A salvação está ao alcance de todos, sim, mas as Escrituras são claras ao afirmar que muitos aceitarão a salvação enquanto outros não o farão. Além disso, se todos fossem se salvar, por exemplo, que sentido teria a Grande Comissão (Mt 28:19, 20) ou as exortações para vivermos uma vida santa (Hb 12:14; 1Pe 1:15, 16)? Portanto, somente os crentes justificados e santificados serão glorificados para viver com Deus e o Cordeiro para sempre. Dessa forma, os textos utilizados pelos universalistas, interpretados de maneira cuidadosa, apontam para a salvação dos crentes fiéis, não para a humanidade em geral. **IV**

Referências

¹ Alguns a chamaram de “salvação inclusiva” ou “reconciliação universal”. Para mais detalhes, ver Ilaria L. E. Ramelli, *A Larger Hope? Universal Salvation from Christian Beginnings to Juan of Norwich* (Eugene, OR: Cascade Books, 2019). Para uma crítica ao universalismo, ver Todd Miles, *A God of Many Understandings* (Nashville TN: B&H, 2010), p. 95-120.

² David Artman, *Grace Saves All* (Eugene, OR: Wipf & Stock, 2020), p. 5-7. Thomas Talbott, *The Inescapable Love of God*, 2ª ed. (Eugene, OR: Wipf & Stock, 2014), p. 37-48. Robin A. Parry, “A Universalist View”, em *Four Views on Hell*, ed. Preston Sprinkle (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2016), p. 108. Keith Giles, *Jesus Undefeated: Condemning the False Doctrine of Eternal Torment* (Orange, CA: Quoir, 2019), p. 95-103.

³ Artman, *Grace Save All*, p. 68-77.

⁴ Talbott, *The Inescapable Love of God*, p. 152.

⁵ Talbott, *The Inescapable Love of God*, p. 167-189.

⁶ A crença de um lugar de castigo é interpretada de maneira metafórica ou como se fosse um purgatório.

⁷ Jan Bonda, *The One Purpose of God. An Answer to the Doctrine of Eternal Punishment* (Grand Rapids, MI/Cambridge, U.K.: Eerdmans, 1998), p. 219. Parry, “A Universalist View”, p. 113.

⁸ Ilaria L. E. Ramelli, “Origin, Bardaisan, and the Origin of Universal Salvation”, *Harvard Theological Review* 102, nº 2 (2009): p. 135-150.

⁹ Ramelli, “Origin, Bardaisan, and the Origin of Universal Salvation”, p. 168.

¹⁰ Ramón Trevijano Etcheverría, *La Biblia en el Cristianismo Antiguo* (Barcelona: Verbo Divino, 2001), p. 91.

¹¹ Manlio Simonetti, *Biblical Interpretation in the Early Church: An Historical Introduction to Patristic Exegesis* (Edinburgh: T&T Clark, 1994), p. 7.

¹² Clemente, *Stromata*, 5, 14.91.2. Orígenes, *Tratado de Principios* 3.1.13; *Contra Celso* 3.25.33, 6.26.

¹³ Clemente, *Stromata* 6.51.2-3; 6.6.44.4-5; 6.6.47.1, 4; Clemente, *Quis Dives?*, 40. Orígenes, *Tratado de Principios*, 3.6.3; 2.10.8.

¹⁴ Clemente, *Stromata*, 6. 6.52.1; 6.26.168.1-2; 7.12.78.3; *El Pedagogo* 1.65.1-3; Orígenes, *Tratado de Principios* 2.10.4; 3.1.13; *Comentario de Mateo*, 14.11; *Homília sobre Ezequiel*, 1.3.1; *Homílias sobre Jeremías*, 19.3.

¹⁵ Orígenes, *De Orationes* 27.

¹⁶ Orígenes, *Contra Celso* 6, 72.

¹⁷ Millard Erickson, *Teología Sistemática* (Barcelona: Clie, 2008), p. 1026.

¹⁸ Francis Chan e Preston Sprinkle, *Erasing Hell* (Colorado Springs, CO: David C. Cook, 2011), p. 29.

¹⁹ John G. Stackhouse Jr. “A Terminal Punishment Response”, em *Four Views of Hell*, ed. Preston Sprinkle (Grand Rapids: Zondervan, 2016), p. 135.

²⁰ Para mais detalhes, ver Christian Varela, “El destino final de la humanidad: Resurrecciones, segunda muerte e inmortalidad en el Apocalipsis”, em *Um Pouco Menor Que Anjos: Multileituras bíblico-antropológicas*, ed. Carlos Olivares y Karl Boskamp (São Paulo: Editora Reflexão: 2021), p. 293-312.

JOEL IPARRAGUIRRE

pastor e editor da Safeliz, na Espanha



CHRISTIAN VARELA

pastor na Argentina



ORGANIZADA PARA **SER VIR**

A relação entre a igreja e a Trindade em 1 Coríntios 12

Peterson Santos

A chegada da pós-modernidade e de sua cosmovisão, que rejeita as metanarrativas e a existência de verdades absolutas e, ao mesmo tempo, abraça o subjetivismo e o relativismo,¹ tem gerado perguntas e desafios para a mensagem cristã como um todo. Millard Erickson afirmou que a tendência dessa visão é fugir das definições e das declarações objetivas sobre a essência dos objetos de estudo, dando ênfase ao que determinado objeto faz. Assim, a ideia não é mais compreender a essência das coisas, mas suas funções práticas. Erickson escreveu: “A geração pós-moderna tende a ser menos focalizada na argumentação e definição racionais e mais concentrada na experiência e nas emoções.”²

Dentro do contexto teológico, essa visão propõe que “a ênfase está no que Deus está fazendo, não em quem Ele é. Consequentemente, é dada mais atenção à missão da igreja do que à sua identidade e limites”.³ Sob essa ótica, encontra-se mais um fator que contribui para a grande variedade de manifestações cristãs com diferentes e subjetivas compreensões. Qual caminho devemos seguir? O que a Bíblia sugere? O propósito deste artigo é destacar princípios bíblicos para um “modelo” de igreja fundamentado nas Escrituras, com base nos versos iniciais de 1 Coríntios 12.

É importante frisar que a Bíblia não possui um índice temático sistematizado sobre cada assunto, mas seu uso de metáforas e imagens é bastante rico e nos ajuda a compreender sua teologia. Nesse sentido, ao observar como a Bíblia aborda o tema da igreja, Avery Dulles disse: “A Bíblia, quando procura iluminar a natureza da igreja, fala quase que completamente através de imagens, a maioria delas [...] evidentemente metafórica.”⁴ Entre as metáforas existentes para a igreja na Bíblia – em especial as utilizadas pelo apóstolo Paulo, o grande fundador de igrejas do Novo Testamento –, a mais destacada é a metáfora do corpo de Cristo.

1 Coríntios 12

Ao passo que 1 Coríntios é uma epístola na qual Paulo buscou responder a várias questões específicas, seu conteúdo não é desprovido de princípios teológicos amplos. Na verdade, é justamente em um contexto específico que se pode perceber, de acordo com as críticas e orientações do apóstolo, qual é sua compreensão sobre a igreja.

No capítulo 12, Paulo descreveu com mais detalhes a metáfora do corpo de Cristo. Essa seção faz parte de um contexto maior que trata sobre o uso dos dons espirituais, que vai até o capítulo 14. Logo nos versos iniciais, após apresentar o tema em questão e mencionar a vida pregressa dos irmãos de Corinto, ele fez uma correção na base do pensamento dos coríntios a respeito dos dons espirituais e da igreja. Nesses versos há uma exposição dos “fundamentos teológicos como base para a discussão da questão”,⁵ e não somente uma admoestação restrita a uma circunstância específica. Uma atenção especial será dada a essa fundamentação teológica.

A primeira observação que se pode fazer, a partir de 1 Coríntios 12:3, é que o Espírito Santo é o grande Guia do crente e da igreja. Se alguém está imbuído do Espírito, não blasfemarà contra o nome de Jesus, mas O proclamará como seu Senhor. Portanto, a igreja de Deus deve ser movida pelo Espírito Santo, e suas ações e afirmações devem vir de corações convertidos por essa Pessoa divina.

Dois aspectos perceptíveis nas cartas paulinas são: a importância da igreja no desenrolar do plano da redenção e sua descrição em termos trinitários. Em relação ao primeiro aspecto, Herman Ridderbos afirmou que a igreja faz parte do “conteúdo central da pregação de Paulo. Ela foi incluída continuamente em tudo o que foi dito sobre a obra redentora de Deus em Jesus Cristo”.⁶ Para esse autor, o cumprimento do plano da redenção conta constantemente com a participação ativa da igreja.

Sobre o segundo aspecto, Paul Minear disse: “A igreja não tem uma natureza que possa ser prontamente definida simplesmente por observação, não importa quão direta seja, à própria igreja. Sua vida brota, é nutrida e orientada em direção à plenitude da glória do Deus triúno.”⁷ Ou seja, não se pode inferir o que é igreja apenas olhando para o que ela tem feito hoje ou na história, mas sua compreensão deve ser derivada da razão e da missão para as quais Deus planejou sua existência. Em última instância, uma igreja bíblica deve seguir os parâmetros escriturísticos para sua fundação.

Helen Doohan percebeu a relação íntima entre a Trindade e a igreja nos escritos paulinos: “A compreensão de Paulo de Deus como *Pai* e *Filho*, manifestados na comunidade e no cristão pelo *Espírito*, é central para sua compreensão de *igreja*.”⁸

Portanto, para compreender melhor a igreja, devemos partir da compreensão da Divindade e dos Seus propósitos.

Voltando ao texto de 1 Coríntios 12, a Bíblia diz: “Ora, os *dons* são diversos, mas o *Espírito* é o mesmo. E também há diversidade nos *serviços*, mas o *Senhor* é o mesmo. E há diversidade nas *realizações*, mas o mesmo *Deus* é quem opera tudo em todos” (1Co 12:4-6). Aqui podemos perceber uma estruturação do *modus operandi* da igreja com base nas ações da Trindade. Existem três palavras-chave conectadas às Pessoas divinas: “dons” (*charisma*) e o Espírito; “serviços” (*diakonia*) e Cristo; e realizações (*energema*) e o Pai. Cada uma delas possui conexões teológicas profundas e informa um modo de atuar da igreja em conexão com as diferentes manifestações da Trindade.

Dons

A primeira palavra dessa tríade tem sua origem no termo grego *charis* (graça). Trata-se do “conceito fundamental que mais claramente expressa sua compreensão do evento da salvação [...], ocorre somente no *corpus* paulino com um eco em 1 Pedro” e normalmente “em contexto soteriológico”.⁹ Esse mesmo termo também está associado na Septuaginta às palavras hebraicas *hen* (graça) e *hesed* (misericórdia), com fortes conotações religiosas relacionadas à aliança e, portanto, com o projeto divino de salvação. Pode ser traduzido como “um dom da graça, um dom livre, um favor, um dom espiritual”.¹⁰ Portanto, *charisma* tem origem na graça divina. É um termo usado por Paulo no contexto do plano da salvação e significa algo que é concedido à igreja sem merecimento, um favor impossível de ser conquistado sem a ajuda de Deus.

Para o apóstolo, a distribuição dos dons para o cumprimento do plano da salvação está ligada à atuação do Espírito Santo na igreja. “*Charisma* está ligada com *charis* [graça] por um lado e a *pneuma* [espírito] por outro.”¹¹

Serviços

A segunda palavra está associada ao verbo *diakoneo* e ao substantivo *diakonos*, que carregam os seguintes significados: “Ser um servo, atendente, doméstico, servir, atender; ministrar a alguém; atender à mesa e oferecer comida e bebida para os convidados.”¹² Esses termos podem se referir a diferentes tipos de serviço como: servir à mesa, serviço de amor, proclamação da Palavra, missão e “para todos os serviços na comunidade cristã”.¹³

Nos escritos paulinos, a palavra *diakonos* traz consigo o conceito de “ministro” em suas diversas aplicações cristãs, como: ministro da nova aliança; da justiça; de Cristo; de Deus; do evangelho e da igreja. O próprio Cristo é chamado de ministro [*diakonos*] da circuncisão (Rm 15:8).

O verbo “*diakoneo* deriva da pessoa de Jesus e do Seu evangelho [...] [da] ação amorosa em favor do irmão ou do próximo”.¹⁴ Em Marcos 10:45 fica claro o padrão celestial da abnegação de Cristo para o serviço: “Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por muitos”. Portanto, as palavras relacionadas a serviço (*diakonia*, *diakoneo* e *diakonos*) no NT estão conectadas à pessoa de Cristo, Sua abnegação, serviço e morte sacrificial. Para Paulo, Cristo, o Senhor, é Aquele que serve de maneira mais completa, o *Diakonos* por excelência.

Realizações

A terceira palavra tem como base o verbo *ergazomai* e o substantivo *ergon*, que têm como significados básicos “trabalhar, estar ocupado em alguma coisa; criar, produzir, realizar e processar”.¹⁵ Na Septuaginta, *ergon* é usada em Gênesis para descrever a obra de Deus (Gn 2:2, 3), mas também representa os atos de YAHWEH na história, demonstrando a Israel Sua fidelidade à aliança, podendo significar também “milagre”.

Nos evangelhos sinóticos, essa palavra “está relacionada com a obra de Cristo [...],

onde abarca Sua obra efetiva em atos e palavras”.¹⁶ De maneira geral, no NT, além da referência às obras do próprio Deus, é possível perceber Sua atividade salvífica em todas as obras individuais dos seres humanos relacionadas à vontade de Deus.¹⁷ O uso de *ergon* nos escritos paulinos pode ser resumido assim: “O *ergon tou Theou* [obra de Deus] em Rm 14:20 é a *oikodome* [edificação] da comunidade. [...] Essa atividade de Deus se dá por meio do Espírito. É perceptível na obra missionária do apóstolo, 1Co 9:1 *to ergon mou hemeis este en kyrio* [‘não sois fruto do meu trabalho no Senhor?’]. A fundação da igreja cristã corresponde à criação do mundo. Em ambos os casos temos uma obra de Deus por meio da Palavra ou do Espírito. O apóstolo não está só na execução da obra de Deus. Seus auxiliares também fazem essa obra (1Co 16:10; Fp 2:30). Mesmo a ação mais secular em acordo com o interesse da obra missionária cristã pode ser considerada como *ergon kyriou* [obra do Senhor].”¹⁸

Seu significado, portanto, está associado a todo tipo de obra que resulta em uma ação conectada à vontade divina. No NT a palavra *energema* aparece apenas duas vezes, ambas em 1 Coríntios 12. Seu significado básico é: “Aquilo que foi feito; resultado de uma operação.”¹⁹ Curiosamente, o termo está associado majoritariamente com as ações espirituais, sejam elas divinas ou não.²⁰

Portanto, toda atividade salvífica é, no fim das contas, efetivada por Deus. O resultado das ações no contexto de salvação, sejam elas humanas ou não, é comandado por Ele. Nesse contexto, Romanos 8:28 elucida ainda mais esse conceito: “Sabemos que todas as coisas cooperam [*synergeo*] para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o Seu propósito”. Deus atua por intermédio das ações livres das pessoas para conduzir Seu plano de salvação e, por meio de todos os acertos e erros do mundo criado e de suas criaturas,

PALAVRA GREGA	PESSOA DA TRINDADE	SIGNIFICADO TEOLÓGICO
<i>Charisma</i>	Espírito	Tem origem na graça da Divindade, aparece em Paulo no contexto do plano da salvação e significa algo que é recebido pela igreja sem merecimento e impossível de ser conquistado sem a ajuda divina.
<i>Diakonia</i>	Filho	As palavras relacionadas a serviço (<i>diakonia</i> , <i>diakoneo</i> , <i>diakonos</i>) no NT estão conectadas à pessoa de Cristo, Sua abnegação, serviço e morte sacrificial. Para Paulo, Cristo, o Senhor, é Aquele que serve de maneira mais profunda e completa, o <i>Diakonos</i> por excelência.
<i>Energema</i>	Pai	Toda atividade salvífica é, no fim das contas, efetivada por Deus, o Pai. No contexto da salvação, o resultado [<i>energema</i>] final das ações humanas é comandado por Ele.

Ele conduz Seus objetivos com efetividade. O ser humano é apenas um cooperador de Deus: “Porque de Deus somos cooperadores [*synergoi*]” (1Co 3:9). Os planos e a vitória são Dele.

Essa realidade de Deus como a fonte para os resultados das ações espirituais da igreja já pode ser percebida anteriormente na epístola: “Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento” (1Co 3:6, 7).

Outro versículo importante para compreensão da intenção de Deus com os dons é: “A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando a um fim proveitoso” (1Co 12:7). O propósito é “ser útil”, ou “proveitoso” para a comunidade, não para benefício próprio de maneira egoísta. A palavra grega *symphero* (“um fim proveitoso”) traz a ideia de “carregar ou trazer junto; levar juntamente com ou ao mesmo tempo; carregar com outros; recolher ou contribuir a fim de ajudar; ajudar, ser produtivo, ser útil”.²¹

Conclusão

Em resumo, pode-se compreender que a igreja de Deus deve ser organizada para ser o instrumento do Deus triúno para a salvação da raça humana. Além de buscar nas Escrituras as prescrições divinas, a igreja deve buscar e contar com a

presença, guia e atuação constante do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Alguns princípios podem ser derivados deste estudo: (1) a Trindade guia a igreja como Seu instrumento na obra da salvação; (2) as ações da Divindade no contexto do plano da salvação são complementares e coordenadas; (3) os membros integrados à igreja são guiados pelo Espírito Santo e Dele recebem dons (*charisma*) para contribuir na missão da igreja, que é levar o evangelho ao mundo; (4) os dons, embora concedidos aos membros, pertencem à igreja como um todo e devem ser usados conforme o Senhor os dirige; (5) os membros devem ser incluídos em ministérios/serviços (*diakonia*) para uso dos dons em serviço abnegado; (6) Deus, o Filho/Senhor, inspira e coordena os membros por meio desses ministérios/serviços; (7) Deus, o Pai, atua na implementação do plano de salvação como uma espécie de arquiteto geral, garantindo a efetividade (*energema*) das ações realizadas segundo Sua vontade; (8) os ministérios devem contribuir para o crescimento geral da igreja e não devem atuar de maneira separada ou independente dela; (9) nenhum membro possui para si ministérios, mas contribui como parte dos ministérios que devem ser dirigidos para um bem comum; (10) os ministérios em ação coordenada irão contribuir para a edificação da igreja e para agregar mais membros a ela. **IM**

Referências

- Jean-François Lyotard, *A Condição Pós-moderna* (Rio de Janeiro: José Olympio, 2011).
- Millard J. Erickson, *Teologia Sistemática* (São Paulo: Vida Nova, 2015), p. 994.
- Erickson, *Teologia Sistemática*, p. 994.
- Avery Robert Dulles, *Models of the Church* (Nova York: Double Day, 2002), p. 11.
- David E. Garland, “1 Corinthians”, em *Baker Exegetical Commentary on the New Testament* (Grand Rapids: Baker Academic, 2021), p. 917, livro digital.
- Herman N. Ridderbos, *Paul: An Outline of His Theology* (Londres: SPCK, 1975), p. 327.
- Paul S. Minear, *Images of the Church in the New Testament* (Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2004), p. 12.
- Helen Doohan, *Paul's Vision of Church* (Wilmington, DE: Michael Glazier, 1989), p. 106, grifos acrescentados.
- Hans Conzelmann, “*charis, charisma*” em *Theological Dictionary of the New Testament*, ed. Gerhard Kittel, trad. Geoffrey W. Bromiley (Grand Rapids: Eerdmans, 1964), v. 9, p. 393.
- Robert L. Thomas, “*charisma*” em *New American Standard Hebrew-Aramaic and Greek Dictionaries* (Anaheim: Foundation Publications, 1998).
- Conzelmann, “*charis*”, *Theological Dictionary of the New Testament*, v. 9, p. 403.
- James Strong, “*diakoneo*”, em *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong* (Sociedade Bíblica do Brasil, 2002).
- Lothar Coenen e Colin Brown, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* (São Paulo, SP: Vida Nova, 2007), p. 2343.
- Coenen e Brown, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, p. 2344.
- Coenen e Brown, p. 2536.
- Coenen e Brown, p. 2539.
- Georg Bertram, “*ergon, ergazomai, ktl*”, em *Theological Dictionary of the New Testament*, ed. Gerhard Kittel, trad. Geoffrey W. Bromiley (Grand Rapids: Eerdmans, 1964), v. 2, p. 642.
- Bertram, *Theological Dictionary of the New Testament*, v. 2, p. 643.
- Strong, “*energema*”, em *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong* (Sociedade Bíblica do Brasil, 2002).
- Bertram, *Theological Dictionary of the New Testament*, v. 2, p. 653.
- Strong, “*symphero*”, *Léxico*.

PETERSON SANTOS
professor de Teologia no Unasp, Engenheiro Coelho



SEMANA SANTA 2023

JESUS VENCEU



PRODUTOS ESPECIAIS COM DESCONTOS INCRÍVEIS!

| PROMOÇÃO VÁLIDA DE 1º DE FEVEREIRO A 9 DE ABRIL |

 <p>COD: 15436</p>	 <p>COD: 17823</p>	 <p>COD: 11070</p>	 <p>COD: 16071</p>	 <p>COD: 14950</p>
<p>PELO SANGUE DO CORDEIRO</p> <p>DE: R\$44,20 POR: R\$30,95</p>	<p>LIÇÕES DO MESTRE JESUS</p> <p>DE: R\$48,20 POR: R\$33,75</p>	<p>CONVITE PARA MUDAR</p> <p>DE: R\$34,00 POR: R\$23,80</p>	<p>MESTRE SEM IGUAL</p> <p>DE: R\$30,20 POR: R\$21,15</p>	<p>CURSO BIBLICO ILUSTRADO BÍBLIA MAIS</p> <p>DE: R\$60,20 POR: R\$42,15</p>
 <p>COD: 14623</p>	 <p>COD: 11165</p>	 <p>COD: 14620</p>	 <p>COD: 10415</p>	 <p>COD: 11493</p>
<p>GUERRA NO CÉU</p> <p>DE: R\$29,00 POR: R\$20,30</p>	<p>PECADO E SALVAÇÃO</p> <p>DE: R\$46,80 POR: R\$32,75</p>	<p>CRER FAZ BEM</p> <p>DE: R\$47,70 POR: R\$33,40</p>	<p>MILAGRES DE CRISTO</p> <p>DE: R\$23,90 POR: R\$16,75</p>	<p>JESUS EXTREMO</p> <p>DE: R\$27,30 POR: R\$19,10</p>

Produtos sujeitos a alteração e/ou enquanto durarem os estoques.
MKT CPB | Adobe Stock



Baixe o Aplicativo CPB



Encontre uma livraria CPB mais perto de você
livrarias.cpb.com.br
atendimento@livrarias@cpb.com.br



/cpbeditora



20%

**ILUSTRADO
EDIÇÃO LUXO**

**CAMINHO A CRISTO -
ILUSTRADO**

DE: ~~R\$37,00~~ POR:
R\$29,60



20%

**A ENTREGA
PERFEITA**

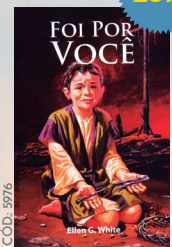
DE: ~~R\$29,60~~ POR:
R\$23,70



20%

**COMO JESUS
TRATAVA AS PESSOAS**

DE: ~~R\$32,60~~ POR:
R\$26,10



20%

**FOI POR VOCÊ
(PACOTE COM 5 UNIDADES)**

DE: ~~R\$15,50~~ POR:
R\$12,40



20%

**O PERSONAGEM
PRINCIPAL**

DE: ~~R\$23,10~~ POR:
R\$18,50



20%

**QUANDO TUDO
FALHA**

DE: ~~R\$12,70~~ POR:
R\$10,15



20%

**TRAÇOS
DE DEUS**

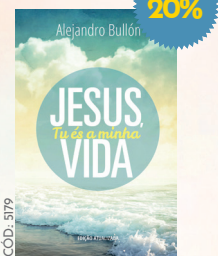
DE: ~~R\$48,50~~ POR:
R\$38,80



20%

**A PAIXÃO DE
CRISTO**

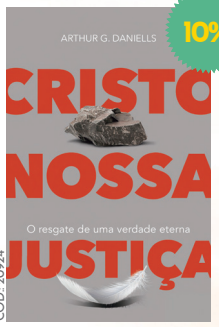
DE: ~~R\$30,50~~ POR:
R\$24,40



20%

**JESUS TU ÉS A
MINHA VIDA**

DE: ~~R\$16,50~~ POR:
R\$13,20



10%

**CRISTO NOSSA
JUSTIÇA**

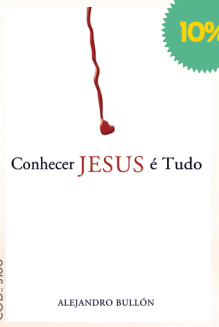
DE: ~~R\$28,70~~ POR:
R\$25,80



10%

**PACTO
ETERNO**

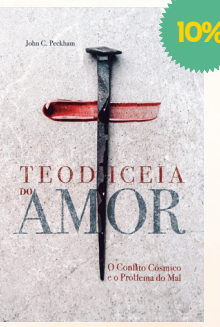
DE: ~~R\$25,70~~ POR:
R\$23,10



10%

**CONHECER
JESUS É TUDO**

DE: ~~R\$13,90~~ POR:
R\$12,50



10%

**TEODICEIA DO
AMOR**

DE: ~~R\$60,70~~ POR:
R\$54,65



10%

**A VINDA DO
CONSOLADOR**

DE: ~~R\$53,30~~ POR:
R\$47,95

Ligue grátis
0800-9790606

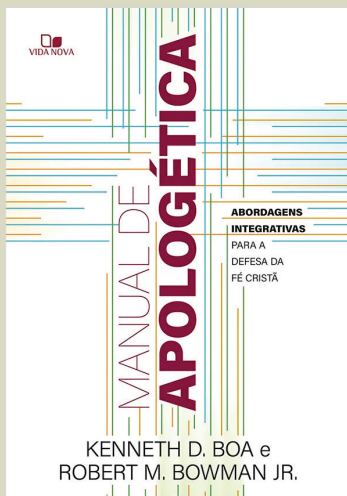
WhatsApp
(15) **98100-5073**



cpb.com.br

Pessoa jurídica/distribuidor (15) 3205-8910





Manual de Apologética

Kenneth Boa e Roberto Bowman Jr. (orgs.), Vida Nova, 2023, 974 p.

Desde que o apóstolo Paulo se dirigiu aos filósofos estoicos e epicuristas em Atenas, a relação da cosmovisão cristã com o mundo não cristão tornou-se um desafio. Apesar da instrução de Pedro para que estejamos sempre preparados para responder a todo que nos pedir a razão da esperança que há em nós (1Pe 3:15), a maior parte dos cristãos relegou a apologética aos "profissionais" da igreja. Mesmo depois de 20 séculos de experiência acumulada, muitos ainda se sentem despreparados para oferecer uma defesa coerente da fé aos que a questionam, a atacam ou simplesmente querem saber mais a seu respeito.

Kenneth Boa e Robert Bowman reuniram um cabedal de informações acerca do que creem os cristãos e de como apresentar a fé ao mundo incrédulo. Em vez de oferecer respostas centradas exclusivamente em um ou outro sistema de apologética, os autores mostram que o preparo da defesa da fé deve incluir as diversas contribuições apologéticas feitas ao longo da história por pensadores das mais variadas tradições cristãs.



Fogo em Meus Ossos

Winn Collier, Mundo Cristão, 2022, 312 p.

Os leitores terão a oportunidade de conhecer a vida e obra daquele que ficou conhecido como "pastor de pastores", dada a expressiva influência que exerce até hoje. Winn Collier teve acesso exclusivo ao biografado e a documentos que lhe permitiram produzir um retrato fiel de quem foi Eugene Peterson.

Em *Fogo em Meus Ossos*, biografia autorizada, você conhecerá detalhes e abordagens únicas sobre Peterson, cuja paixão por Jesus fez esse artesão da palavra escrever livros que inspiram aqueles que desejam desenvolver uma experiência plena com Deus.

Descubra a multifacetada e inspiradora vida de um dos pastores mais influentes das últimas décadas e as histórias singulares que moldaram sua fé em Deus. Conheça os desafios vividos por Peterson como pastor, marido e pai. Surpreenda-se com um clérigo cuja sofisticação intelectual não o impediu de apreciar as experiências singelas e belas da vida e dedicar seus talentos ao aperfeiçoamento espiritual de gente simples.



En Búsqueda de la Salvación

Abner Hernández, Pacific Press, 2022, 96 p.

A missão e vocação de Ellen White foi apresentar Jesus como o amoroso e misericordioso Salvador, o único caminho da salvação. Em suas 100 mil páginas de manuscritos, o tema recorrente é o amor de Cristo. Desde 1880 até sua morte, ela experimentou uma crescente preocupação por exaltar Jesus e Sua obra de redenção. Cristo e Seu sacrifício devia ser o conteúdo de toda mensagem, doutrina e ação da comunidade de fé.

Neste livro, o autor analisa como Ellen White tratou o tema da salvação em seus escritos, e qual é o conteúdo principal de sua mensagem profética. A tese principal é que, para a autora, a salvação em Jesus pela graça mediante a fé é a mensagem do terceiro anjo. A mensagem que pode transformar as relações com Deus e nossos semelhantes. A mensagem que declara que a vitória sobre o pecado só é possível por meio da união com Cristo.

O PODER DA SEMENTE

Há mais de 40 anos, em uma escavação feita na isolada montanha de Massada, situada no deserto da Judeia, ao lado do Mar Morto, foi encontrado um punhado de sementes com mais de 2 mil anos de existência.

Duas décadas depois, uma pesquisadora e bióloga decidiu fazer uma experiência. Ela colocou uma dessas sementes na água quente, depois a mergulhou em um composto rico em nutrientes, enzimas e fertilizantes e a pôs dentro de um vaso. Seis semanas depois, viu surgir naquela terra um pequeno caule verde. A semente, que era de uma tamareira, recebeu o nome de “Matusalém”. Atualmente essa árvore tem mais de três metros!

Desde 2019, estão sendo plantadas muitas sementes de tamareira do deserto da Judeia, salvando a planta da extinção. Pelo fato de várias delas serem fêmeas, os pesquisadores estão utilizando os grãos de pólen de Matusalém para polinizá-las. Uma delas, chamada Hannah, chegou a dar tâmaras em 2021 (<http://link.cpb.com.br/70afaf>).

Existe vida latente em uma semente. Ellen White escreveu: “Toda semente tem em si um princípio germinativo. Nela está contida a vida da planta” (*Parábolas de Jesus*, p. 15). Esse princípio ativo é tão poderoso que é capaz de germinar mesmo após a semente estar enterrada durante mais de 2 mil anos em um dos terrenos mais áridos do planeta.

As parábolas de Jesus estão cheias de alusões às sementes. Observe, por exemplo, a parábola do semeador (Mc 4:1-20). A história descreve os desafios de alguém cujo trabalho é lançar sementes. Uma boa parte delas se perde por várias razões: as aves, os espinhos e o solo pedregoso – coisas familiares para quem mexe com o solo. Mas nenhum semeador deveria ficar desencorajado diante dos infortúnios da perda de sementes: ele precisa aprender a

**Não há coração tão seco
que não possa ser reavivado
pelo amoroso chamado do
Espírito Santo.**

contar com isso. Com persistência e esforço, cada semeador pode conseguir uma colheita de sucesso.

A semente é a Palavra de Deus, que cai em diferentes tipos de solos, os quais representam o coração humano. Se o solo é árido ou cheio de ervas daninhas, provavelmente a semente não germinará imediatamente ou não dará muito fruto. Mas, se a semente cair em terreno fértil e propício, produzirá uma colheita abundante.

Uma outra parábola descrita em Marcos 4:26-29 ressalta ainda que o lavrador não precisa se preocupar com o que vai acontecer com a semente. Há tanta força nela que, na hora certa, produzirá seus frutos. O semeador faz a semente cair na terra e realiza suas atividades diárias, dormir e acordar, sem se preocupar com o crescimento da semente. Por que esse aparente descuido? Porque sabe que não há nada que ele possa fazer para a semente brotar. Há nela um poder latente que, finalmente, gerará a vida.

Caro pastor, não há coração tão seco que não possa ser reavivado pelo amoroso chamado do Espírito Santo. Existe vida na Palavra de Deus, que germinará se lhe dermos uma pequena oportunidade.

Onde estaria, então, uma das chaves do reavivamento tão almejado? A chave está em semear a Palavra de Deus no coração. Espalhe cada dia essa preciosa semente, de tal maneira que renda “a cem por um” e você verá que “a terra por si mesmo frutifica: primeiro aparece a planta, depois, a espiga, e, por fim, o grão cheio na espiga” (Mc 4:28). **IM**



MARCOS BLANCO
editor da revista *Ministério*,
edição em espanhol

CANAIS DE ATENDIMENTO

LIGUE GRÁTIS
0800-9790606

de telefone fixo ou celular

WHATSAPP 
15 98100-5073

Baixe o
aplicativo
CPB



cpb.com.br     /cpbeditora

**AMAZONAS
MANAUS**

SÃO GERALDO

Av. Constantino Nery, 1212
(92) 3304-8288
(92) 98113-0576

**BAHIA
CACHOEIRA**

FADBA

Rod. BR 101, km 197
(75) 3425-8300
(75) 99239-8765

**BAHIA
SALVADOR**

NAZARÉ

Av. Joana Angélica, 1039
(71) 3322-0543
(71) 99407-0017

**CEARÁ
FORTALEZA**

CENTRO

R. Barão do Rio Branco, 1564
(85) 3252-5779
(85) 99911-0304

**DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA**

ASA NORTE

SCN | Qd. 1 | Bl. A
Lojas 9, 17 e 23
Ed. Number One
(61) 3321-2021
(61) 98235-0008

**GOIÁS
GOIÂNIA**

SETOR CENTRAL

Av. Goiás, 766
(62) 3229-3830
(62) 98169-0002

**MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE**

CENTRO

R. Quinze de Novembro, 589
(67) 3321-9463
(67) 98129-0874

**MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE**

CENTRO

Rua dos Guajajaras, 860
(31) 3309-0044
(31) 99127-1392

**PARÁ
BELÉM**

MARCO

Tv. Barão do Triunfo, 3588
(91) 3353-6130
(91) 98259-0002

**PARANÁ
CURITIBA**

CENTRO

R. Visc. do Rio Branco, 1335
Loja 1
(41) 3323-9023
(41) 99706-0009

**PERNAMBUCO
RECIFE**

SANTO AMARO

R. Gervásio Pires, 631
(81) 3031-9941
(81) 99623-0043

**RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO**

TIJUCA

R. Conde de Bonfim, 80
Loja A
(21) 3872-2787

**RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE**

CENTRO

R. Coronel Vicente, 561
(51) 3026-3538
(51) 98163-0007

**SÃO PAULO
ENGENHEIRO COELHO**

UNASP/EC

Estr. Mun. Pr. Walter Boger, S/N
Faz. Lagoa Bonita
(19) 3858-1398
(19) 98165-0008

**SÃO PAULO
HORTOLÂNDIA**

PARQUE ORTOLÂNDIA

R. Pr. Hugo Gegembauer, 656
(19) 3503-1070
(19) 98425-6666

**SÃO PAULO
SANTO ANDRÉ**

CENTRO

Tv. Lourenço Rondinelli, 111
(11) 4438-1818
(11) 94825-0112

**SÃO PAULO
SÃO PAULO**

MOEMA

Av. Juriti, 563
(11) 5051-0010
(11) 95282-4191

**SÃO PAULO
SÃO PAULO**

PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 28
5º Andar
(11) 3106-2659
(11) 95975-0223

**SÃO PAULO
SÃO PAULO**

VILA MATILDE

R. Gil de Oliveira, 153
(11) 2289-2021
(11) 95288-1009

**SÃO PAULO
TATUI**

LOJA DA FÁBRICA

Rod. SP 127, km 106
(15) 3205-8905